



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA**

JÉSSICA CARVALHO DOS SANTOS

Brasília – DF

2013

Jéssica Carvalho dos Santos

**UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA**

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Pedagogia**, à Comissão Examinadora da **Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**, sob a orientação da Professora Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Orientadora: Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Brasília – DF

2013

SANTOS, Jéssica Carvalho.

Uma experiência no Ensino Fundamental na perspectiva da educação significativa / Jéssica Carvalho dos Santos: Brasília: UnB. 2013.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2013.

TERMO DE APROVAÇÃO**JÉSSICA CARVALHO DOS SANTOS****UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO
FUNDAMENTAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão
Examinadora constituída por:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Fátima Lucilia Rodrigues Vidal (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Ms. Simone Gonçalves de Lima (Suplente)
Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília

Data da aprovação: ___/___/___

Dedico este trabalho a Deus, minha querida família, meu namorado, meus professores e amigos que acreditaram em meu potencial.

AGRADECIMENTO

Compor um trabalho de final de curso não é fácil, é tarefa intensa, e esta não poderia ser diferente. Ela é resultado de muitas indagações, de desconstruções e construções do pensamento, de horas de discussões com colegas, professores e familiares a respeito da educação. Por isso, tenho muito a agradecer. Obrigado a todos que contribuíram com minha formação, com a conclusão desta etapa que culmina com a graduação, e também aos que fizeram essa jornada ser prazerosa e instigante. E não poderia deixar de aproveitar a oportunidade para agradecer de forma individual. Em primeiro lugar a Deus, por me sustentar e me manter nesses vinte anos de caminhada. Ele é meu refugio, e meu socorro, sei que não estou só, nem por um segundo, assim prossigo.

A minha mãe, Ligia Carlota, por seu amor, carinho, cuidado, atenção, proteção, dedicação, por ter me ajudado tanto durante minhas conquistas, sempre torcendo pela minha vitória, sem medir esforços para me dar uma ótima educação recheada de valores.

Ao meu pai, Eduardo Carvalho, pelo grande homem que é, por me repassar seus valores, me educando, por sempre me estimular a pensar a respeito dos fatos e batalhar pelos meus sonhos.

Do mesmo modo, a minha avó paterna Carmem, *in memoriam*, aos anos que passamos juntas, por ter feito parte de meu cuidar, por me amar, e ter sido tão essencial com seu carinho inesgotável, que posso considerá-la como segunda mãe para mim.

Igualmente, aos meus irmãos, cunhadas, primos e todos mais da família pelos momentos de alegrias, conselhos, descontração, pelas polemicas, pelo respeito e pelo acolhimento, pois sei que neles me sinto amparada.

Ao Pedro, meu namorado pelo seu apoio em momentos de crises existenciais, além disso, nas discussões sobre educação, foram tantas, por isso, acho que ele nem deve aguentar mais. Por ser tão amável, respeitador, carinhoso, pelos sorrisos e dedicação ao nosso relacionamento me ajudando a ser uma pessoa melhor.

Também às amigas Priscila Gonçalves, Júlia Amaral, Manuele Cavalcante e especialmente a Mariana Brito, que marcaram minha vida, com alegria e amizade, tornando-se pessoas inesquecíveis.

Da mesma maneira, aos amigos que fizeram parte do período de graduação: Carlos Eduardo, Ciro Jordano, Marianna Yoshie, Ana Carolina (fofolete), Laís Amaral, Camila Sampaio e Diego Lopes, pelas conversas, risadas e diversão, vão estar sempre na memória.

De modo especial, uma amiga fez parte de todo o meu processo, de graduação. Ela esteve presente desde o primeiro semestre até o último. Sendo companheira em todas as situações, durante esses quatro anos. Ficou perto tanto nos momentos difíceis quanto nos divertidos, Daniele Prandi obrigada pelas conversas, conselhos, ajudas, e pelas horas de estudos e projetos. Sem ela a Universidade não teria sido a mesma.

Às pessoas que o integram o projeto Autonomia, especialmente as professoras Alexandra Militão, Tadeu Queiroz, Fatima Vidal, Simone Lima, Regina Pedroza, que conduziram com tanta competência e dedicação esse projeto. De forma tal, que deu significado a minha aprendizagem, aguçando assim a ambiciosa vontade de tornar a educação brasileira melhor. Fizeram a diferença, pois creio que me tornei uma pessoa menos passiva, mais reflexiva, com o pretensioso desejo de desconstruir e construir pensamentos.

A professora Teresa Cristina, minha orientadora, pelo seu carisma, profissionalismo, empenho, auxílio, sobretudo pelo acolhimento e cuidado que teve comigo. Da mesma forma, com o meu trabalho ao longo desses meses, me apoiando, ajudando, e incentivando a concretizar este sonho.

Também à banca examinadora, que é composta por professoras valorosas e importantes em meu processo de formação, Alexandra Militão e Fátima Vidal, que se dispuseram a atender e colaborar quando necessário, durante o período da graduação. Sou grata por me marcarem tão positivamente, pelo amor, respeito, carinho e sabedoria que dedicaram a mim e aos seus alunos. Certamente são inspiração para todos que passam por essa universidade, e fazem parte desse processo de ensino e aprendizagem.

Concluo, agradecendo a todos os professores que colaboraram com o meu aprendizado. Ressalto ainda, por seus conselhos tão importantes principalmente neste momento de conclusão de curso, a professora Sinara Zardo.

Peço perdão se esqueci alguém, e agradeço mais uma vez a todos, por contribuírem para meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

Muito obrigada!

“A educação é a arma mais poderosa que
você pode usar para mudar o mundo”.

Nelson Mandela.

SANTOS, Jéssica Carvalho. Uma experiência pedagógica no Ensino Fundamental na perspectiva da Educação significativa. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Trabalho de Conclusão de Curso, 2013.

RESUMO

O conceito de educação significativa não é estático e imutável, está sempre em construção, e ao longo do tempo ele adquiriu muitos adeptos, maior visibilidade e importância no processo de aprendizagem. Este trabalho de final de curso dedica-se a estudar o valor do ensino e da aprendizagem significativa na vida dos alunos do ensino fundamental da Escola Classe 209 sul, buscando entender como ela é construída, e quais suas características básicas. O desejo de estudar a educação significativa partiu de interesses pessoais, baseados em angústias, que permaneciam, pela educação a mim ministrada durante a minha vida escolar, pois não percebi a valorização dos meus anseios, apenas tinha que focar em ser aprovada em provas e conseqüentemente de ano. Esse estudo foi realizado com o desenvolvimento de uma prática pedagógica, a partir do ingresso no projeto Autonomia. Em determinada fase do projeto, foram propostas oficinas as crianças de acordo com o desejo de cada estudante. Redizeei meu aprendizado na oficina de Perguntas e Ideias, na Escola Classe 209 sul, no contraturno das aulas, em estudantes do segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental. A oficina foi fundamentada nos interesses pessoais de cada indivíduo. Buscou-se estimular nos educandos a criatividade, a cidadania, a curiosidade, o reconhecimento do outro na diferença e a autonomia. Observei que estes se empenharam e apreciaram muito a prática. Assim sendo, a pesquisa tem como objetivo analisar a educação significativa para as crianças na proposta de oficinas de Perguntas e Ideias, na Escola Classe 209 sul. Para desenvolver a pesquisa utilizou-se a metodologia qualitativa, que consistiu-se em uma pesquisa participante, usando-se para material de análise os diários de bordo escritos pelos educadores da oficina. Então, com base em estudo teórico e análise desses diários, conclui-se que os estudantes ansiavam por essa aprendizagem, pois tinham extremo interesse quando eram valorizados; mesclando brincadeiras com conteúdos podendo também exercitar a criatividade e a curiosidade de maneira multi e interdisciplinar, alcançando assim a autonomia de seu aprendizado.

Palavras-chave: Aprendizagem, Educação significativa, diários de bordo, escola classe 209 sul.

ABSTRACT

The concept of meaningful education is not static and unchanging, is always under construction, and over time he gained many adherents, greater visibility and importance in the learning process. This final course work is dedicated to study the value of teaching and learning in the lives of high school students of the School Class 209 south, seeking to understand how it is constructed and what its basic features. The desire to study education significantly departed from personal interests, based anxieties that remained, the education given to me during my school life because I did not realize the value of my desires, just had to focus on being approved in evidence and therefore year. This study was the development of a pedagogical practice, from entering the design autonomy. At some stage of the project, workshops were proposed children according to the desire of every student. Redizei my apprenticeship in the workshop of Questions and Ideas, School Class 209 south in contraturno classes, students in the second to fifth year of elementary school. The workshop was based on the personal interests of each individual. Sought to stimulate creativity in students, citizenship, curiosity and autonomy. I noticed that they were engaged and enjoyed much practice. Thus, the research aims to analyze the meaningful education to children in the proposed workshops Questions and Ideas, School Class 209 south. To develop the research used a qualitative methodology, which consisted in a survey participant, using for material analysis logbooks written by educators workshop. Then, based on theoretical study and analysis of these logs, it is concluded that the students were eager to learn this, they had extreme interest when they were valued, mixing jokes with content may also exercise creativity and curiosity of multi and interdisciplinary manner, thus achieving the autonomy of their learning.

Keywords: Learning, Education significant, logbooks, school class 209 south.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO.....	10
ABSTRACT	11
APRESENTAÇÃO.....	13
MEMORIAL	15
INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO I: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	25
CAPÍTULO II: CRIATIVIDADE E CURIOSIDADE	37
2.1 Criatividade	37
2.2 Curiosidade	40
CAPÍTULO III: PROJETO: AUTONOMIA.....	48
CAPÍTULO IV: OFICINA DE PERGUNTAS E IDEIAS	52
CAPÍTULO V: METODOLOGIA.....	56
CAPÍTULO VI: ANÁLISE DOS DIÁRIOS DE BORDO	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	75
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICES.....	78

APRESENTAÇÃO

A exposição das ideias de um trabalho de conclusão de curso obedece à determinada disposição para a organização do pensamento, facilitando assim a sua leitura e entendimento. Portanto, em atendimento as essas normas, está compõe-se de três partes, a primeira aborda o memorial educativo, a segunda trata genuinamente da monografia e a terceira pondera sobre as perspectivas profissionais.

Na primeira parte deste trabalho de final de curso serão abordados alguns recortes de minha historia de vida, desde o meu nascimento até o momento presente, dando ênfase à trajetória escolar e acadêmica, e, além disso, desvendando o motivo pelo qual foi escolhido o tema deste trabalho.

A segunda parte se refere a monografia que está dividida em seis capítulos.

Capítulo I - Aprendizagem com significado - em que são abordados os ensinamentos a respeito do assunto, referendados pelas teorias de pesquisadores como Paulo Freire, David Ausubel, Vygotsky e Carl Rogers.

Capítulo II - Criatividade e Curiosidade - constituiu-se de explanação teórica, abalizada por autores como de Albertina Mitjás, para tratar de criatividade, de Edgar Morin e José Pacheco, para abordar curiosidade.

Capitulo III - Projeto: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras - descreve e explica o projeto no qual participei, originando assim, as reflexões que determinaram a construção desse trabalho.

Capítulo IV - Oficina de Perguntas e Ideias: explica como surgiu e foi desenvolvida a Oficina, vendo também os seus objetivos

Capítulo V - Metodologia - refere-se aos método de pesquisa utilizados no para a realização do projeto e pesquisa.

Capítulo VI - Análise dos Diários de Bordo - baseado nos diários de bordo que foram feitos para relatar os acontecimentos de cada dia na oficina e a análise deles, a luz da teoria antes ilustrada.

Considerações Finais – São dispostos argumentos conclusivos a respeito do tema abordado.

A terceira e última parte desta pesquisa refere-se à apresentação das minhas perspectivas profissionais, em que demonstro o quanto foram primordiais os conhecimentos adquiridos, no transcorrer de minha trajetória acadêmica, e pessoal, abrangendo, ao mesmo tempo, o raciocinar talvez audacioso, e pretensioso, sobre a necessidade e importância do pedagogo no mundo em que vivemos.

Além disso, para organização do trabalho também foram acrescentados um sumário, introdução, uma lista de figuras e os anexos, dispostos ao longo da composição.

MEMORIAL

Este memorial tem a finalidade de dar conhecimento de um pouquinho da minha história, e também repassar meus momentos na academia. No entanto, pretendo fazê-lo de modo resumido, enfatizando o que considero linhas que fazem parte de um da trajetória escolar feita por mim até aqui.

Meu nome é Jéssica Carvalho dos Santos, nasci no dia 13 de Dezembro de 1992, no hospital Santa Lúcia às 12:30 horas. Nascer no dia 13 chega a ser um tanto peculiar, principalmente quando coincide com uma sexta-feira, pois são inúmeras as superstições e crendices relacionadas a esse número. E por conta disso tive que afirmar e reafirmar muitas vezes que para mim este dia não é amaldiçoado e é bom como todos os outros.

Sou filha de Eduardo Carvalho dos Santos e Ligia Carlota dos Santos, tenho dois irmãos, sendo eu a mais nova da casa. O mais velho se chama Daniel e o do meio Rafael. Cresci neste lar, que me deu base, e ao qual devo grande parte da formação que tenho como individuo e cidadã.

Quando tinha quatro anos, minha família se mudou para o estado do Espírito Santo, onde moramos por quase um ano em Vila Velha. Foi nesta cidade que tive a minha primeira experiência com uma escola, chamada Piaget. Não me recordo muito bem como foram os dias nessa escola, mas, me lembro que nunca queria ir. Eu era uma garotinha muito tímida e grudada em minha mãe, portando, ir para a escola, sair do meu canto, e me separar, era um passo muito difícil, sempre chorava ao ter que me despedir dela.

Passado esse período de quase um ano em Vila Velha, que foi um tempo bom, pois íamos sempre à praia, voltamos para Brasília, e minha mãe teve certa dificuldade para me matricular, porque, quando procurou uma escola pública, ouviu dos dirigentes que não poderiam aceitar, que a minha matricula fosse feita no jardim III, por ser uma turma inicial de alfabetização, e na época as crianças só eram alfabetizadas aos sete anos de idade. Eles alegavam a minha pouca idade, e a não permissão pela lei. Eu havia completado cinco anos, e estava em processo de alfabetização. Assim sendo, teria que repetir a série já feita, e passar por todo o processo novamente.

Meus pais iniciaram a procura de uma instituição particular. O colégio Alvorada aceitaria a minha matricula, com a condição de que eu fosse submetida a

uma prova de nível. Eu não entendia muito bem o que significava, mas fiz assim mesmo, e como lia e escrevia um pouco, consegui passar no teste, “pulei” o jardim II, que teria que fazer pela minha idade, para o jardim III.

Recomecei então a estudar, no Alvorada. Lembro-me de gostar muito de lá, pois fiz muitos colegas. Além disso, acredito que o fato de minha mãe ter matriculado meus irmãos no mesmo colégio me fez sentir mais segura e confortável. Comecei a gostar de ficar na escola, pois era divertido e tinha a garantia do Daniel e do Rafael.

Estava indo muito bem, porém, no final do ano de 2000, o colégio deixou de existir, pois acabou virando faculdade. Meus pais tiveram que procurar outra escola. E fizeram opção pelo NDA, um colégio que apresentava um formato diferente, e dava ênfase também ao estudo de línguas estrangeiras. Eles gostaram muito da proposta, e me matricularam. Iniciei, em 2001, a terceira série do ensino fundamental.

Todo pavor de ficar sozinha, com pessoas desconhecidas veio à tona novamente. Minha mãe por várias vezes ficou comigo na sala, assistiu as aulas até eu me acostumar. Recordo, até hoje, de minha professora Marilda. Ela era amável, paciente, nunca me obrigou a nada, sempre muito doce, educada, e tentava me adaptar à nova turma.

Estudei no NDA até a sétima série do ensino fundamental. Nos primeiros anos eu adorava estudar, era apaixonada por inglês, espanhol e educação física, e, sempre ficava feliz quando estava com minha professora “a tia” Marilda. Mas, a partir do início da quinta série, em 2003, o colégio fez as mudanças obrigatórias em sua didática. Agora não tinha apenas uma professora, era um professor para cada disciplina, e não podia mais chamar a professora de tia. Agora eles eram professores e não “irmãos de meus pais”.

A coisa ficou séria. Demorei de novo a me adaptar, porém, agora já não podia mais ser “grudada”, e nem contar com minha mãe, pois estava grandinha, e meus amigos iriam rir de mim, se eu demonstrasse essa insegurança.

Então, passei a me esforçar para não sentir falta da forma anterior. Já conhecia muitos de meus colegas, porém, não conhecia nenhum professor e isso, a princípio foi muito ruim, mas depois entrei no ritmo. Tenho lembrança de prestar muita atenção nas aulas para aprender a parte da matéria que era importante. Assim, poderia ficar livre, conversar, e não me importava com mais nada. Achava

chato ficar estudando, apenas aprendia aquilo que era passado em sala de aula, e fazia todas as minhas tarefas.

Nas reuniões de entrega dos boletins, eu ia a todas com a minha mãe, as conversas eram sempre as mesmas: mãe, sua filha é uma excelente aluna, uma ótima menina, só precisa diminuir um pouco as conversas em sala de aula. “Né Dona Jéssica?” Às vezes ficava sem graça, e falava pra minha mãe, que já tinha aprendido a matéria e não precisava ouvir mais as mesmas coisas.

Ainda trago em minhas recordações, meus professores, principalmente aqueles que eram especiais. Também fiz muitos amigos neste período, o que foi muito importante para a minha educação, pois, por mais que parecesse não me importar com escola, e às vezes dar umas fugidas de lá, eu tinha minhas disciplinas favoritas e aproveitava-as ao máximo.

No final da sétima série, em 2005, meus pais não queriam mais que eu ficasse no NDA. Existiam rumores de problemas administrativos, entre os sócios dirigentes, que estavam mais preocupados com o cursinho pré-vestibular, e o colégio já não era prioridade.

Dessa forma, no ano seguinte fui para um novo colégio, chamado Escola do Sol, onde fiquei durante a oitava série e o primeiro ano. Minha oitava foi interessante, adorava os professores, mas havia falhas no ensino. Isso provocou meu desinteresse, e fui cada vez mais perdendo o gosto pelas disciplinas, No entanto, gostava muito dos meus novos amigos. Eu queria ir à escola, mas não queria estudar. Mesmo assim, prestava atenção nas aulas e conclui bem o ensino fundamental. Tive uma linda formatura. O colégio nos presenteou com um álbum fotográfico e uma tela pintada por um dos pais.

Continuei na Escola do Sol, tinha pouco estímulo para fazer ali o primeiro ano, alguns colegas haviam mudado de colégio, outros mudaram de cidade. Lembro-me de não gostar agora nem de ir à escola, e nem de estudar. A minha salvação foi uma colega com deficiência mental e a minha coordenadora. Num certo dia ela me chamou em sua sala, e pediu para que eu ficasse junto a essa colega, ajudando-a e lhe dando apoio.

Adorei a ideia, pois quando estudava no NDA, também tinha um colega com deficiência, e eu amava ficar perto dele conversando, e ajudando. Essa novidade me manteve focada. A coordenadora, ainda me escolheu como representante da sala. Ela mostrou confiança em mim. Não queria decepcioná-la, mas ser representante

era algo que eu não sabia se gostava ou não, pois não queria ficar sendo chata com ninguém, e não concordava com muitas coisas que estavam sendo feitas. Por um tempo, vivi um dilema, mas optei por ficar quieta. No entanto isso me deixou infeliz, perdi de vez o gosto pelas matérias, e não me importava mais com as provas. Estava totalmente desestimulada, fiquei para recuperação em física, não passei, por alguns décimos, mas o conselho conclui em reunião que eu estava pronta, pois era uma boa aluna e ultrapassaria esses problemas.

Pedi a minha mãe para sair dessa escola, pois estava odiando aquele lugar. Ela também não estava satisfeita, achava o ensino deficiente, e percebia em mim um desinteresse cada vez maior.

Fui então para o colégio Alub ensino médio, e junto comigo se matriculou uma colega que também estava insatisfeita com o colégio. O ensino era bem melhor, e quando cheguei encontrei um professor conhecido, o que me deixou mais confiante. Fiz amizade com outros professores, e conversava com todos. Porém com o tempo, as aulas estavam ficando chatas, o que salvava era a convivência que tinha com meus amigos e também com os professores.

No terceiro ano, em 2009, meus pais receberam uma proposta do colégio, que abriria um turno vespertino. Eles resolveram então me colocar neste período. Um terror para mim, pois se não gostava do matutino, o vespertino seria muito pior. A turma quase que inteira passaria para o vespertino. Tive que aceitar, e foi a gota d'água, minha sala era literalmente uma confusão, uma bagunça, ninguém respeitava os professores, nem os próprios colegas, era um "inferno". Eu não podia mais suportar estudar ali, pensei em sair no meio do ano e terminar meu ensino médio em um supletivo.

Meus pais não concordaram, eu deveria terminar o ensino médio da forma convencional. Só que a minha revolta me direcionou para outra fase, comecei a estudar para o vestibular, que também era o foco do Alub. E mesmo não me achando capacitada, e sem a mínima ideia do que queria fazer com relação a minha formação superior, estudava, tinha que passar, só assim sairia dali. Passei meses me dedicando, exclusivamente com essa intenção, esquecendo-me até da escola.

Iniciei, ao mesmo tempo, a procurar cursos em que poderia me encaixar. Meu pai, que é educador, me perguntou por que não fazia Pedagogia, eu logo retruquei Pedagogia? Cuidar de criança? Nunca. E ele falou: Pedagogia não é só isso, leia, pesquise. Minha mãe também apoiou. Assim, comecei a pesquisar sobre o assunto

e me interessei. Gostei de poder trabalhar com a educação do país, até porque eu era extremamente insatisfeita com a minha, e sabia da importância da educação na formação de uma pessoa, e do papel da escola.

Finalmente decidi por pedagogia. Fiz o vestibular no meio do ano, passei e comecei a cursar. Não imaginava gostar tanto, fui me apaixonando cada vez mais pela educação, agora ir estudar não era mais uma chatice, e nem algo obrigatório, sentia prazer em ir para a universidade.

A princípio queria seguir o rumo da educação especial, mas com o passar dos semestres, me identifiquei mais com a área administrativa, ou seja, havia vontade de desempenhar meu papel, no campo da gestão da educação, com o que aprendia na academia.

A pedagogia, ministrada na Universidade de Brasília, tem o currículo baseado em projetos: Projetos: um, dois, três (com as fases um, dois e três, sendo um semestre cada fase), projeto quatro (com estágios um e dois) e o cinco (trabalho de conclusão de curso-monografia).

Minha primeira fase do projeto três foi na área de música, relacionada com a educação do campo. Foi uma experiência maravilhosa, tive contato com uma escola rural do Pípiripau, onde eu e minhas parceiras Daniele e Laís realizamos uma oficina de dança. Mesclando a dança com o cotidiano das crianças, sendo permitido a eles durante o trabalho escolher suas músicas preferidas e também ritmos. Em seguida, era sugerido que encenassem, no ritmo da música, o que escolhessem, do seu cotidiano.

Esse trabalho foi fantástico, a autonomia que permitimos ser trabalhada na oficina me surpreendeu, e com certeza aprendemos muito com as crianças, penso até que nos ensinaram mais do que ensinamos a elas.

Acreditei estar no caminho certo, mas ainda, não me sentia cem por cento satisfeita, queria mais, então, em 2011, conheci o projeto diálogos com Experiências Inovadoras, também chamado de projeto Autonomia.

O “Projeto Autonomia” era ministrado também pela professora Fátima, que havia conhecido antes, na disciplina de Educando com Necessidades Especiais. Isso me animou, por gostar muito dela, e também por me sentir atraída pela proposta.

Escolher esse projeto fez toda a diferença para a minha vida acadêmica. Dei início ao estudo de novos métodos, novas formas de pedagogia, e o aprendizado de

novas maneiras de ensinar. Fiquei fascinada, e definitivamente era isso que queria, gostava de passar horas estudando.

Todos os outros projetos que ainda faltavam, fiz junto ao “Autonomia”. O primeiro foi trabalhado junto aos professores Fátima, Alexandra e Tadeu. Nessa fase, conhecemos uma didática diferente, que realmente nos permitia autonomia. Podíamos escolher o que quiséssemos estudar, a forma, e a hora. Tínhamos encontros sempre muito prazerosos, não existia falta de estímulo, e de vontade de estar junto ao grupo. Como prática, escolhi fazer observações na escola “Vivendo e Aprendendo”, nossa parceira no projeto.

Gostei muito do que vi na escola, fiquei fascinada com a maneira como as crianças aprendiam, era com tanta leveza e seriedade ao mesmo tempo, que me impressionou. Pensei: gostaria de ter estudado numa escola assim!

Percebi que parte do que sonhava estava ali, pois o meu foco na época estava direcionado para a parte administrativa. Queria saber e entender como administrar uma escola inovadora, pois o meu grande sonho é construir uma escola, que tenha como princípios e características o que aprendi no projeto Autonomia.

No ano de 2012, já feitos dois semestres no projeto, onde foram realizadas observações e entrevistas, o Projeto Autonomia foi acolhido pela Escola Classe 209 Sul para desenvolver seu trabalho. Assim, poderíamos agir e desenvolver o que estávamos aprendendo. Escolhi então atuar mesmo na Escola Classe da 209 sul. Tive como parceira em uma oficina de “Perguntas e Ideias”, a Rafaella. Gostei muito do que vi, ensinei e aprendi. A forma de descobrir as coisas, com a curiosidade sendo aguçada, contribuiu ainda mais para transformar a minha forma de pensar educação, e conseqüentemente mudar de foco.

Agora tinha o desejo de saber como ensinar as crianças, pois acreditava que não existia prazer em uma aprendizagem em que não se tinha a curiosidade, onde o aluno não quisesse realmente entender as coisas e os fatos. Entendi o nome da oficina que mediava, “Perguntas e Idéias”.

A idéia era direcionar as crianças a nos mostrarem suas curiosidades, para que a partir delas pudéssemos conversar, descobrindo suas dúvidas, e ao mesmo tempo, pesquisar seus questionamentos.

Fiquei nesta oficina durante dois semestres, e no segundo tive novamente a parceria com a Daniele. Pude ainda observar aprendizagens que julgo importante para formação dos seres humanos como cidadãos, que não se referem apenas a

conteúdos, mas, além disso, incluíam o desenvolvimento do respeito, da cooperação e principalmente da autonomia. Essa nova etapa foi de grande importância, pois, foi assim que aflorou em mim a escolha do tema de pesquisa para a conclusão de curso.

Pretendo com esse exercício da prática na escola, aprofundar a relação da “aprendizagem significativa” das crianças, em paralelo a outras teorias, ou seja, trabalhar com referencial teórico.

Penso ainda que um dos motivos, que levam crianças a não gostar de ir à escola, seja o fato de muitas vezes não terem uma aprendizagem com significado. Senti isso observando e ouvindo as crianças nas oficinas. Portanto, quero estudar e me aprofundar mais nesse tema.

Hoje, tenho sim vontade de trabalhar com crianças, acredito que posso ajudar, e contribuir para melhorar a educação do meu país.

INTRODUÇÃO

Pensar em como organizar as idéias, conhecimentos adquiridos, questionamentos, experiências práticas e conceitos teóricos, em um só lugar, me assustou de início. Além disso, o fazer a defesa do meu ponto de vista, em confronto com as teorias e a prática, levam à reflexão, a construção e desconstrução de algumas convicções. Por isso, ter dúvidas sobre o a escolha do tema a ser discorrido, em uma monografia, ao término de um curso, é de certa forma tolerado, pelos professores que orientam os alunos.

Ao iniciar essa monografia, já sabia sobre o que queria dissertar. As minhas insatisfações com o ensino ministrado que recebi durante a trajetória escolar, me instigaram a escolha do tema, bem como visualização de sua importância. No entanto, necessitava de orientação para dispor tudo isso. Encontrei apoio nos meus professores, colegas de curso e em minha orientadora, que tem me guiado pelos caminhos da dissertação.

Escolhi discorrer sobre o ensino inovador que busque a construção da autonomia, da cidadania e do respeito ao próximo. São pontos fundamentais de inspiração deste trabalho. Foi ao ingressar em um projeto chamado, Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras, do curso de Pedagogia, que tive a certeza de estar no caminho que desejava trilhar.

Esse projeto também chamado, projeto Autonomia, nele a Pedagogia é pensada e aplicada de maneira diferente, e também de forma muito atraente. Podíamos ver crianças que foram educadas desta maneira diferenciada, em observações aos nossos parceiros como a escola Vivendo e Aprendendo, e a escola dos Pássaros. Além disso, em relatos como os da escola da Ponte, que viraram nossa inspiração, onde as crianças apresentadas a nós são extremamente criativas, curiosas, maduras, respeitosas e autônomas, cidadãs.

A partir dessas experiências, busquei a resposta para minhas grandes angústias e questionamentos em relação à aprendizagem. Porque estou aprendendo isso? A escola é chata? Qual a diferença que determinada disciplina irá fazer em minha vida? O ensino da disciplina serve apenas para eu passar em uma prova? Estas indagações fizeram parte do meu caminhar como estudante. Mas,

observei que elas não são apenas minhas, as crianças que tive contato tanto em minha infância, quanto na prática como docente, também tinham as mesmas observações incertezas e ressalvas sobre a escola.

Então, uma questão persistia em me acompanhar. O que faria as crianças gostarem, e estudarem com prazer? Um dos meus porquês estava no fato de que comecei a perceber que existiam escolas em que todos eram tratados com igualdade, ninguém sabia mais que o outro, e suas curiosidades como alunos eram importantes. Tão importantes que eram investigadas, e não simplesmente deixadas de lado. Assim, na universidade, os porquês, foram sendo respondidos.

Também entendes que nessas escolas, ou seja, que nesses locais as crianças eram valorizadas, tornando-se centro de suas aprendizagens e, mais ainda, elas obtinham uma aprendizagem com significado. Sua aprendizagem era guiada pelos seus interesses, e não apenas por conteúdos impostos.

Portanto, devido a estudos realizados, durante o curso de Pedagogia, e mais especificamente no projeto Autonomia, assegurei que a escola pode ser um lócus de muito interesse para o estudante, encontrando-se também, prazer no aprendizado, e onde estudar não é algo “chato” e obrigado. Agora compreendia não ser mais utopia uma escola em que as crianças quisessem aprender a aprender. E, na observação de lugares que realmente tinham essa prática, pude visualizar o que pretendia fazer com os ensinamentos que havia recebido.

A monografia está baseada nessas indagações, tem como problematização e tema central a questão: como tornar o ensino significativo e interessante para as crianças?

O objetivo geral consiste em analisar a educação significativa, para as crianças, na proposta da Oficina de Perguntas e Ideias, na Escola Classe 209 sul. Como objetivos específicos, busca analisar questões como:

- Identificar as características de uma aprendizagem com significado;
- verificar como a curiosidade e criatividade contribuem para uma aprendizagem com significado;

- identificar aspectos da educação significativa, na prática da Oficina de Perguntas e Ideias, na Escola Classe 209 sul.

Sendo assim, esta pesquisa não tem a pretensão de normatizar a forma de ensino/aprendizagem nas escolas mas de procura compreender, mostrar, e estudar uma outra forma de auxiliar e mediar, as crianças e professores, nesse processo. Partindo da perspectiva da importância de uma aprendizagem por interesse, significativa e com sentido ao educando, para que o ensino seja convertido na construção da autonomia.

CAPITULO 1 – APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

O tema aprendizagem significativa ganhou espaço, quando o estudioso David Paul Ausubel, nascido no norte da America (1918 – 2008) deu grande importância a questão. Nos anos 60 e até hoje esta teoria exerce forte influência na educação. Sua teoria confrontou as idéias behavioristas que prevaleciam, e não levavam em conta o que os estudantes sabiam, mas sim, que a aprendizagem se dava pela influência do meio sobre o sujeito. Portanto, a aprendizagem só ocorreria, se fosse ensinado, por alguém para alguém.

Porém Ausubel contrapôs-se a esse pensamento, introduzindo sua percepção de aprendizagem significativa, que colocava o aluno no centro da aprendizagem, dando grande valor ao conhecimento prévio.

Em seus estudos, estabeleceu duas condições para a aprendizagem significativa, a primeira diz respeito ao fato de que o aluno precisa ter pré-disposição para aprender, além de ter o interesse. A segunda condição refere-se, ao que for ensinado à criança, no sentido de que deve conter um teor potencialmente significativo. O conteúdo “tem que ser lógica e psicologicamente significativo”. (PELLIZARI, KRIEGL, BARON, FINCK, DOROCINSKI 2002)

Para ele, a lógica é unicamente a natureza do conteúdo propriamente dito e, o significado psicológico, é a experiência individual de cada ser humano. Fazendo assim com que cada indivíduo faça uma filtragem dos conteúdos que são ou não significativos para si.

O pesquisador propõe ainda dois pólos da construção da aprendizagem: a aprendizagem significativa e a aprendizagem memorística, que se pode dar também respectivamente como “aprendizagem por descoberta” e “aprendizagem receptiva”. Enfatizando, que quando a aprendizagem se dá por descoberta, ela não está totalmente acabada e cabe ao aluno descobri-la, porém quando é a receptiva os conteúdos são dados como acabados, e o aluno não tem mais o que investigar.

Sendo assim a aprendizagem memorística apresenta ao aluno o conteúdo de uma maneira final e a aprendizagem por descoberta oferece ao aluno a descoberta do conteúdo principal antes que este seja incorporado significativamente na sua

estrutura cognitiva. Portanto, independente do tipo de aprendizagem o objetivo do ensino para Ausubel (2002) é proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, para se obter a autonomia e quanto mais próxima a relação entre a aprendizagem por descoberta e os aspectos cognitivos estiverem, mais significativa ela é. Portanto, quanto mais longe estiverem essas duas estruturas, mais mecânica ou repetitiva e distante da autonomia consiste a aprendizagem.

Segundo ele a aprendizagem por descoberta possui três vantagens sobre a aprendizagem memorística:

Primeira: quando se aprende com significado, não se esquece com facilidade, o conhecimento permanece por mais tempo na memória.

Segunda: da abertura a novas aprendizagens, de novos conteúdos, de um modo mais simples, por mais que o conteúdo anterior já tenha sido esquecido.

E terceira: uma vez que não se lembra mais do conteúdo antecedente, fica mais fácil a aquisição das mesmas informações, a “reaprendizem”.

Desse modo, entende-se, do processo da aprendizagem significativa, como ponto primordial, defendido por Ausubel, a junção dos conteúdos da aprendizagem com a estrutura prévia cognitiva do indivíduo. “Essa interação traduz-se em um processo de modificação mútua tanto da estrutura cognitiva inicial como do conteúdo que é preciso aprender”. (PELLIZARI, KRIEGL, BARON, FINCK, DOROCINSKI 2002)

Assim como Ausubel, o filósofo e educador brasileiro, Paulo Freire (1921-1997), também visava um processo de aprendizagem que valorizasse o conhecimento prévio do aluno, e não apenas a receptividade dos conteúdos, como expõe em seu livro, *Pedagogia do Oprimido* (1987).

Freire faz referência, de forma crítica a educação onde apenas são narrados e dissertados conteúdos para o educando, sem nenhuma significação. Ele alerta para o sentido de que, ao se falar dos fatos como algo estático, sem movimentação, e sem interação com a realidade do indivíduo, ou seja, totalmente alheio a sua vivência. Sendo assim o educador se mostra como ser supremo e indiscutível agente da aprendizagem, sem dialogar com o educando, apenas “enchendo-o” com

o conteúdo de suas dissertações. Portanto, a palavra nestas dissertações se torna vazia e oca, sem a concretude que deveria ter, é uma “verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la”. (FREIRE, 1987, p.57)

Exemplifica também a questão de ter alunos apenas repetindo: “quatro vezes quatro é dezesseis”, “Pará é a capital do Belém”, demonstrando dessa forma, que a repetição se torna tão mecânica que o educando fixa, porém, não compreende o que são quatro vezes quatro, e nem sabe o significado de capital. Apenas reproduz a fala e não pensa sobre o que está sendo dito.

Adverte ainda que:

“[...] a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” o recipiente com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão”. (FREIRE, 1987, p.58)

Ele denomina esse formato, de educação bancária, onde os estudantes são bombardeados por informações, e seu papel é o de apenas arquivá-las como em um banco de dados, memorizá-las e remiti-las. Nessa concepção os professores são os que detêm o conhecimento, e os estudantes os que estão meramente prontos, para absorvê-lo.

Freire se mostra contrário a essa maneira de educar, e aconselha a adoção de uma postura que supere esse tipo de educação, substituindo-a por uma educação libertadora. Pronuncia-se a favor de haver diálogo entre o educador e o educando, recomendando também, que não só o educador eduque, mas que ele também seja educado e vice-versa. É o que se observa, quando cita em sua fala, que: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p.68). Entende-se deste modo, que ambos são agentes do processo e nessa perspectiva o autoritarismo não funciona mais, ambos ensinam e aprendem mutuamente, mediatizados pelo mundo que os cercam, também chamado de objetos cognoscíveis.

Compreende-se além disso, que:

“[...] o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar

de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também”. (FREIRE, 1987, p.69)

Além de valorizar os acontecimentos passados na vida do educando, o pesquisador, explica que sem o diálogo entre as três dimensões educando-educador-mundo, não tem como existir uma educação com significância. Pois, o educador deve problematizar o educando, com o mundo e no mundo, impulsionando-o a se sentir desafiado, e não apenas obrigado a responder aos desafios. Enxergando-o como um problema na totalidade e não algo petrificado.

De tal modo, tornando a compreensão crescentemente crítica, para que por meio dessa, ele passe a formular novas concepções e compreensões de novos desafios que vão surgindo no procedimento da reposta.

Com esse entendimento, percebe-se “a educação como prática da liberdade”, (FREIRE, 1987, p.70) ao contrário da educação que se dá pela dominação. A educação libertadora ou libertária, não faz referência ao homem como um ser estático, avulso, separado e desconexo do mundo, assim, como também não faz alusão ao mundo como alguma coisa desprendida do homem. São “relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa”. (FREIRE, 1987, p.70)

Outro pensador que defende a importância da educação voltada para a significância na vida do aluno é o norte-americano, Carl Rogers (1902-1987), que relata no livro Liberdade de Aprender (1985), como um professor de nome Mike, aplicava uma pedagogia diferenciada de seus colegas de trabalho, e por isso era muito criticado. De seus ensinamentos abrangemos, como cita Rogers, que: “As outras aprendizagens pessoais eram mais importantes para ele. O aumento em autoconfiança, em criatividade, na capacidade de fazer escolhas corretas, a autodisciplina do estudo- isso sim lhe era significativa”. (ROGERS, 1985, p.18)

Compreende-se dessa maneira que o docente acreditava que todos estão a todo o momento aprendendo alguma coisa. Ao mesmo tempo, ele tinha projetos que proporcionava mais liberdade aos alunos, na escolha de seus próprios planos de aprendizagem. Achava extremamente importante tanto a escolha, como a preparação das crianças para a vida.

Para o cientista, o professor, estava “comportando-se na sala de aula como uma pessoa, não uma máscara ou uma fachada. E estava disposto a aprender com as crianças”. (ROGERS, 1985, p.19). Não era adepto à punição, preferia exercer a bondade do que a penalidade, e queria auxilia-las ao invés de castigá-las.

Contudo, devido a pressões, e a se sentir coagido pelos colegas, como ele mesmo descreve: “sinto que estou sendo pago para ser autoritário, um disciplinador, e não posso fazer isso” (ROGERS, 1985, p.19). Desiste assim de seus planos, pois é desencorajado e desestimulado.

Carl Rogers entende que essa é uma condição pela qual, muitos educadores sofrem. Adverte sobre a questão de obstáculos, ou seja, barreiras exteriores que os educadores enfrentam, e que os desmotivam, quando vão além desse papel de ensinar, e ambicionam serem facilitadores da aprendizagem. Salaria ainda, que não se sente à vontade para “instruir” (entre as definições de “instruir”, encontramos no dicionário, o mesmo que ensinar) o aluno, estabelecendo o que deve ou não saber, pensar e aprender.

Carl Rogers enfatiza que deve haver mais do que essa instrução ao aluno na atitude de um professor, sendo assim, ele se coloca em uma posição contrária ao ensino, pois este acredita que:

Acho que é porque ele levanta todas as questões erradas. Assim que dirigimos a atenção para o ensino, surge a questão: o que ensinamos? O que, desde nosso elevado ponto de vista, a outra pessoa precisa saber? Fico pensando se, neste nosso mundo moderno, achamo-nos justificados em presumir que somos sábios a resto do futuro, e que os jovens são tolos. Estamos realmente certos do que eles devem saber? Vem, então, a ridícula questão abrangência. O que deve o curso abranger? Esta noção baseia-se na presunção de que o que se ensina é o que se aprende; o que se apresenta é o que é assimilado. Não conheço outra presunção que seja tão obviamente falsa. Não é necessário efetuar pesquisas para fornecer provas de que é falsa. Basta apenas falar com alguns estudantes” (ROGERS, 1985, p.126)

Ressalta, ao mesmo tempo, que quando o ensino é apenas repassado e estático, só teria eficácia se o homem vivesse em um ambiente que não se altera. Entretanto, o homem vive em um mundo que esta em constante movimento, conseqüentemente, precisa se adequar às transformações se atualizando em todo tempo.

Assim sendo, o cientista afirma que o único ser que aprende é aquele que aprendeu a aprender, que sabe como mudar e se adaptar. Conclui-se então que por vivermos em um mundo que se altera a todo instante, e tendo como base o pressuposto de que nenhum conhecimento é absoluto, a busca pelo conhecimento, em seu processo fornece bases para se sentir seguro perante essa movimentação.

No entanto, a “facilitação da aprendizagem” também se dá para o autor quando o professor suscita a curiosidade, e libera o estudante para seguir novos caminhos. Esses, determinados por seus interesses. Deixando de refrear seus questionamentos, levando-o a partir daí à indagações a respeito de tudo, para provocar a investigação, e o entendimento de que todas as coisas encontram-se em processo de transformação.

Dessa maneira, levando o educando a se desenvolver como verdadeiro sujeito, real aprendiz, autêntico, especialista, exercitor da criatividade. Um tipo de pessoa que obtém o equilíbrio não somente sobre o que é atualmente conhecido, mas também, que está certo e preparado para as possíveis mudanças futuras.

Entende-se deste modo, que para Rogers o facilitador da aprendizagem deve apresentar algumas qualidades, que o levam a simplificar para os alunos a aquisição de informações. Pois, ter apenas o conhecimento formal sobre determinados assuntos, não é suficiente, e serve simplesmente como ferramentas em alguns momentos. Portanto, se percebe que para uma educação significativa deve-se observar “qualidades de atitudes que existem no relacionamento pessoal entre o facilitador e os estudantes” (ROGERS, 1985, p.127).

Com relação a essas qualidades podemos ressaltar a “autenticidade” do facilitador da aprendizagem, em que, nesse sentido o educador se mostra a seus estudantes, como uma pessoa sem máscaras e interpretações, uma pessoa como realmente somos, com vontades, valores, sentimentos, angústias, optando ser verdadeiro, que “é capaz de viver esses sentimentos, sê-los, e é capaz de comunicá-los, se for apropriado”. (ROGERS, 1985, p.129).

Do mesmo modo, destaca-se também como qualidade o “apeço, a aceitação e confiança”, percebidas no educador quando este valoriza o estudante, apreciando suas opiniões, enxergando-o como um ser, que também tem sentimentos, e todas

as outras necessidades, aceitando sua condição, seus medos, e hesitações, demonstrando confiança, fazendo-o sentir-se um indivíduo capaz de tomar decisões, e de aprender sem ter o direcionamento dado pelo educador. Como nos explica o escritor:

“se confio na capacidade que tem o ser humano de desenvolver a sua própria potencialidade, então posso fornecer-lhe muitas oportunidades e permitir-lhe que escolha o seu próprio caminho e direção, em sua aprendizagem” (ROGERS, 1985, p.134).

Enfatiza como outra qualidade, a “compreensão empática”, fazendo referência ao fato dela se dá “quando o professor tem a capacidade de compreender internamente as reações do estudante, tem uma consciência significativa [...] aumentam as probabilidades de uma educação significativa”. (ROGERS, 1985, p.131). Ao mesmo tempo, ela acontece quando o professor se coloca no lugar do outro e tenta olhar as situações com o olhar do aluno. Assim, compreende-se a aprendizagem com um caráter libertador.

Apreende-se então, que para o pesquisador, determinadas qualidades e atitudes são necessárias, quando a intenção é a de se obter uma aprendizagem significativa e de qualidade, em que o educador e o educando se sintam livres e em um ambiente de clima confortável para aprender, como cita o autor:

“Tirarei então uma conclusão, baseada nas experiências dos diversos facilitadores e estudantes que foram incluídos até aqui. Quando um facilitador cria, mesmo em grau modesto, um clima de sala de aula caracterizado por tudo que ele pode conseguir de autenticidade, apreço e empatia, quando confia na tendência construtiva do indivíduo e do grupo, descobre então que inaugurou uma revolução educacional. Ocorre uma aprendizagem de qualidade diferente, avançando num ritmo, com um grau maior de abrangência. Os sentimentos – positivos, negativos, confusos – tornam-se parte da experiência da sala de aula. A aprendizagem se transforma em vida, numa vida até mesmo muito viva. O estudante acha-se a caminho, às vezes excitadamente, às vezes relutantemente, de tornar-se um ser em mudança, de aprender.” (ROGERS, 1985, p. 135).

Nesse sentido, nota-se em sua teoria, o aliar-se à prática, na forma de observação, para que possa aplicar em exemplificação, demonstrando aos educadores que a aprendizagem, não seja algo imposto, mas sim, que seja uma experiência construtiva, um processo de descobertas, em que eles serão os facilitadores.

Um estudioso e pensador que também se dedicou a estudos considerados de grande importância, relacionados à aprendizagem significativa é Lev Semenovitch Vygotsky. Nascido em 17 de novembro, na cidade de Orsha, em Bielarus, formou-se em direito na Universidade de Moscou, frequentou cursos de história e filosofia na Universidade Popular de Shanyavskii, onde aprofundou seus estudos em psicologia, filosofia e literatura, mais tarde estudou medicina, parte em Moscou e parte em Kharkov, dedicando-se a estudar neurologia, na busca por compreender o funcionamento psicológico do homem, mas não chegando a se graduar em medicina.

Toda sua formação, e atividades diversificadas foram de relevância e necessárias para a construção de seus conceitos, pois agregou uma compreensão “a respeito dos fatores biológicos e sociais no desenvolvimento psicológico” combinada, portanto por sua multidisciplinariedade. (OLIVEIRA, 1992, p. 23).

Faz referência, à existência de uma dimensão social no desenvolvimento do homem, que podem ser denominadas, como funções psicológicas superiores. Alega que o indivíduo é um ser que se forma, quando da sua relação com o outro, e no meio social que está inserido. A cultura se torna algo inerente ao ser humano, e se molda, conforme o seu crescimento, e funcionamento psicológico.

Entende que o homem é um ser biológico, que é desenvolvido por estar inserido em um grupo cultural existente. E ainda, suas funções psicológicas superiores, são constituídas em sua relação com o mundo, de acordo com sua história social. Mediadas por instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente. Deduz-se, que o estudioso trabalha com a percepção em que o cérebro é um aparelho aberto, predisposto à mudanças.

Quando o pesquisador enfatiza o desenvolvimento do ser humano, nota-se a ênfase e preocupação, com o processo de aprendizagem. Para Vygotsky:

desde o nascimento da criança o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de

desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam”. (OLIVEIRA, 1997, p. 56)

Assim sendo, infere-se que dependendo do ambiente em que a criança esteja inserida, ela vai ou não, obter certo tipo de aprendizagem. Entendendo dessa maneira, que com esse pensar, é intuído, que a interação com outras pessoas torna-se essencial ao seu desenvolvimento. E que o aprendizado permite o despertar de desenvolvimentos internos do ser, quando este está em relação com o ambiente sócio-cultural. Pois, uma pessoa não cresce sozinha, sem o contato de outros da mesma espécie. Portanto, as relações e interação, contribuem para o seu desenvolvimento pessoal, e psicológico.

Vygotsky formula para esse entendimento conceitos específicos para esclarecer a respeito das relações entre aprendizagem e desenvolvimento, e conceitua de desenvolvimento proximal, aquele, em que o indivíduo ainda não tem a capacidade de realizar a atividade sozinho, e precisa de uma pessoa que o auxilie. Relacionando-o e estabelecendo também o conceito de desenvolvimento real, em que o indivíduo consegue exercer sozinho, sua tarefa, sem ajuda, ou seja, cumpre a atividade sem o auxílio de terceiros.

Afirma também, que a preocupação não deve ser apenas com o desenvolvimento real, onde a criança revela seu trabalho concluído. Observando-se unicamente os resultados. Mas sim, que ela deve ser com o desenvolvimento proximal, pois este desvenda a maneira com a qual o indivíduo alcançou o resultado final da tarefa. Que pode ter incluído a ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes.

O cientista, ao mesmo tempo, chama a atenção para o fato de que “não é qualquer indivíduo que pode, a partir da ajuda de outro, realizar qualquer tarefa”, (OLIVEIRA, 1997, p. 59), pois isso, depende também de seu desenvolvimento biológico. E para exercer determinadas atividades, ele deverá ter uma boa mediação, assim, relacionando o desenvolvimento proximal, este poderá então alcançar de forma mais rápida e eficaz o resultado em seu desenvolvimento real.

Isto pode ser notado, por exemplo, em uma brincadeira. Se a criança está aprendendo a brincar de lego, e tem a ajuda de alguém, demonstrando como se montam as peças, ou apenas ao observar outra criança mais desenvolvida

exercendo esta tarefa, a criança pode obter um resultado mais satisfatório, do que aquele que teria se estivesse tentando montar sozinha.

Vygotsky define ainda, o desenvolvimento proximal como, “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (OLIVEIRA, 1997, p. 60).

Por conseguinte, entende-se que é na zona de desenvolvimento proximal que acontece a intervenção de outro indivíduo da mesma espécie, para que ocorra o desenvolvimento real. Apreende-se também, que esse é o momento em que deve acontecer a intervenção pedagógica. Com isso a criança será beneficiada pela intervenção quando há o “auxílio na tarefa [...] que ainda não aprendeu bem a fazê-lo, mas já desencadeou o processo de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1997, p 61).

Nesse sentido, se percebe que a escola não exerce uma boa prática ao direcionar as crianças para resultados, naquilo que já sabem fazer, bem como para levá-las a níveis psicológicos já alcançados. Mas, deve sim procurar aproximá-las de níveis de desenvolvimento ainda não incorporados, desempenhando papel de estimuladora de novas conquistas intelectuais. Pois, é esse ambiente de aprendizado escolar, é de extrema importância para o seu desenvolvimento psicológico. Nele a criança pode ser freada e até reprimida no seu desenvolvimento. Ou, pode ter suas competências estimuladas e incitadas, para alcançar o desenvolvimento adiantado, da aprendizagem, que descreve o autor.

“Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola – demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais na promoção do “bom ensino”. Isto é, a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo”. (OLIVEIRA, 1997, p. 62).

Tomando ainda por base essa linha de pensamento, conclui-se a respeito da importância da mediação no processo da aprendizagem da criança. Considerando que nesse ambiente, só pode haver um bom ensino quando estas intervenções escolares acontecem. Excluindo-se assim, pontos de vista, nos quais, pessoas podem se desenvolver sozinhas.

O pensador defende, do mesmo modo, que o desenvolvimento de crianças por efeito da brincadeira, ou outras circunstâncias fora da escola, em situações sem a existência de formalidade, as crianças usam de suas interações e relações sociais como forma de acesso ao conhecimento. Podemos citar como exemplo a aquisição do conhecimento, por meio das regras de um jogo. Pois, na maioria das vezes não se está sozinho, e sim na companhia e em comunhão com outros indivíduos. Demonstrando a importância da socialização, e o valor desses instrumentos de interação social, para o desenvolvimento da vida dos seres humanos. Instrumentos esses que podem ser utilizados também em espaços formais.

Ao ter oportunidades outras circunstâncias como a criatividade e o significado, são trabalhados, pois a criança, ao brincar transfere significados para o imaginário. Quando por exemplo, ela brinca de médico com um palito de fósforo, fazendo vez do termômetro e uma boneca como paciente, ela transfere significados a esses objetos, interagindo com eles. Compreende-se então que “a situação é definida pelo significado, estabelecido na brincadeira [...] e não pelos elementos reais concretamente presentes (OLIVEIRA, 1997, p. 66) . Podemos notar também que no momento em que a questão refere-se às regras na brincadeira, a criança muitas vezes vai além, na imaginação. E nem sempre as brincadeiras são totalmente livres, impõe-se princípios, e nem tudo é aceitável. No entanto, esses mecanismos, fazem com que a criança avance mais rapidamente, do que aquelas de sua mesma idade, que não participam desse tipo de interação social. Como alega o pesquisador ao afirmar: “No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto de significado” (OLIVEIRA, 1997, p. 67).

Assim sendo, podemos visualizar seu pensamento sobre a aprendizagem, como menciona Marta Kohl de Oliveira, em seu livro VYGOTSKY Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio histórico que:

Vemos assim que, para Vygotsky, as funções psicológicas superiores, típicas do ser humano, são, por um lado, apoiadas nas características biológicas da espécie humana e, por outro lado, construídas ao longo de sua história social. Como a relação do indivíduo com o mundo é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social, é enquanto ser social que o homem cria suas formas de ação no mundo e as relações complexas entre suas várias funções psicológicas. Para desenvolver-se plenamente como ser humano o homem necessita, assim, dos mecanismos de aprendizado que movimentarão seus processos de desenvolvimento.

Na concepção que Vygotsky tem do ser humano, portanto, a inserção do indivíduo num determinado ambiente cultural é parte essencial de sua própria constituição enquanto pessoa. É importante pensar o ser humano privado do contato com um grupo cultural, que lhe fornecerá os instrumentos e signos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas mediadas, tipicamente humanas. O aprendizado, nesta concepção, é o processo fundamental para a construção do ser humano. O desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo dessa espécie está, pois, baseado no **aprendizado** que, para Vygotsky, sempre envolve a interferência, direta ou indireta, de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados". (OLIVEIRA, 1997, p. 78 a 79).

Concebemos, assim que Vygotsky inter-relaciona a biologia com a educação social, apresentando questões fundamentais para elaboração de uma educação significativa. Como a importância da sociedade e cultura na constituição do indivíduo, a aprendizagem não tradicional e a mediação no desenvolvimento proximal. Potencializando assim o desenvolvimento da aprendizagem, ou não, da criança de acordo com a intervenção.

CAPITULO 2 : CRIATIVIDADE E CURIOSIDADE

Os conceitos e teorias a respeito da criatividade e da curiosidade são de importância fundamental, para a busca do entendimento do processo de aprendizagem significativa. Pois, ao tratar a aprendizagem partindo do ponto de vista do interesse do aluno, os estudiosos aqui apresentados, dão sentido ao tema, demonstrando, que estão conectando e entrelaçado esses conhecimentos.

2.1 CRIATIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Ao longo da historia dos seres humanos, vários foram os estudos e diversos os tipos de abordagem a respeito do assunto criatividade. Todavia, a pretensão, será a de manter o foco na importância da criatividade, para o processo de aprendizagem. Abordando principalmente aspectos da aprendizagem de conteúdos, mas, sem deixar de lado o fato de que a criatividade deve ser estimulada a todo o momento pelos educadores, independentemente do ambiente em que se encontra o aluno.

Não é fácil encontrar uma definição exata do que significa criatividade, no entanto existe um consenso da maioria dos teóricos, sobre o que seria o ato da criatividade.

Martinez assegura que “pressupõe uma pessoa que, em determinadas condições e por intermédio de um processo, elabora um produto que é, pelo menos em alguma medida, novo e valioso” (MITJÁN, MARTINEZ, 1997, p.9).

Infere-se também, que todas as pessoas são criativas, e que esta, está presente em todo o tempo. Como alude Wechsler (1999), “a criatividade deve ser compreendida como um aspecto multidimensional”.

Sob o ponto de vista, de que todos são criativos, também percebemos em Ostrower (1997) quando cita que, “a criatividade não é mérito de raríssimos escolhidos, mas com potencial próprio da condição de ser humano

No entanto, como mencionado anteriormente, e para manter a intenção de focar a criatividade, no processo de aprendizagem. Será dada maior ênfase ao pensamento da pesquisadora e professora doutora da Universidade de Brasília Albertina Mitjans Martinez. Ela ressalta em seus estudos, que a capacidade do

educando em questionar, em indagar a respeito das informações que lhe são repassadas, o processo de como se dá a formação de seu próprio conhecimento, as interessantes interrogações, a curiosidade e as relações que são constituídas dentro dos conteúdos, são maneiras de expressar a criatividade.

Portanto, essas expressões de criatividade, devem ser estimuladas nos alunos. Pois, elas fornecerão base para se alcançar o objetivo da aprendizagem significativa, em que Rogers (1985) se apoiava, tendo como ponto principal a questão, “aprender a aprender”.

Albertina Martinez (2002) alega que existe certa dificuldade para os educadores em se tratando de desenvolver a criatividade nas crianças durante o processo de aprendizagem. Determinado pelo fato de que eles não sabem com clareza, o que se deve desenvolver, e nem como desenvolver. Pensando por esse ângulo a estudiosa sugere algumas atitudes para superar estas barreiras. Dois pontos podem ser destacados. O primeiro refere-se a “esclarecer o que se pretende alcançar e quais podem ser os indicadores do alcance deste objetivo.” O segundo, diz respeito a “definir as estratégias e as ações que podem contribuir para tal”. Ela recomenda além disso, para que esses pontos abordados sejam concretizados, que podem-se instaurar alguns tipos de procedimentos, e também podem ser observadas e exercidas algumas características pessoais.

Dentre os procedimentos estão: a realização de perguntas interessantes e originais; questionamentos e problematização da informação; solução inovadora de problemas; estabelecimento de relações remotas e pertinentes; elaboração personalizada de respostas e proposições; procura de informações e realização de atividades que vão além do solicitado pelo professor.

Com relação às características pessoais observam-se: a motivação; a autodeterminação, independência; auto-valorização adequada, segurança; questionamento; reflexão e elaboração personalizada; capacidade para estruturar o campo de ação e tomar decisões; capacidade para propor-se metas e projetos; flexibilidade e audácia.

Conseqüentemente, compreende-se que para o desenvolvimento da criatividade, é necessário estimular na criança a expressão criativa concreta,

concomitantemente, com o desenvolvimento das características pessoais, tornando assim, presumível o processo criativo. Sendo delineado dessa forma o processo criativo, não acontecerá apenas em alguns momentos em sala de aula, como em poucas e pontuais atividades, mas se estimulada sucederá naturalmente e a todo instante.

A pesquisadora recomenda também algumas formas de atividades para incentivar essa criatividade, especialmente quando do ato da comunicação. E indica que ao professor a elaboração de atividades, que visem o desenvolvimento de características pessoais, associadas, sobretudo à expressão criativa, ao invés de focar exclusivamente a apropriação de conhecimentos e habilidades.

Essas atividades devem possuir um caráter produtivo do ponto de vista do estudante. Para incentivá-lo a descobrir “coisas” e até solucionar problemas. Além disso, é necessário oferecer a ele a possibilidade de escolhas, incentivando-o a fundamentá-las. Elas precisam apresentar complexidade crescente, de acordo com nível de escolaridade, e o educador deve incitar no educando o esforço e a confiança. Acreditando em sua capacidade. Ao mesmo tempo, necessita ter uma dosagem coesa de atividades extra-docente, para proporcionar ao aluno o desenvolvimento de atividades de seu interesse.

Incentivar as atividades no ato da comunicação proporciona uma relação criativa entre professor e aluno, pois o ambiente estará propício, para um clima emocionalmente motivador e positivo. Além disso, é essencial que a individualidade de cada um dos indivíduos envolvidos no processo, seja respeitada. Assim, conseguindo um espaço de estimulação e valorização do esforço, e das concretizações pertencentes a cada ser.

O educador precisa instigar sempre o processo de procura de alternativas, sem apontar “erros” cometidos. Bem como, procurar não congratular o estudante apenas pelos resultados obtidos, tanto em áreas do conhecimento, como em todas as realizações que ele alcançou no desenvolvimento de interesses, e motivações. Tirando assim o foco, da avaliação por si só, em que o aluno é avaliado pelo professor, mas fica à parte do processo de construção de si próprio. O educador deve também incentivá-lo, a fazer auto-avaliação e até mesmo, planos de desenvolvimento pessoal.

A autora afirma a importância da estimulação da criatividade nos alunos, contudo esse incentivo supõe atitudes e ações por parte do educador. Logo, este deve estar consciente da importância de seu trabalho, apreciando-o, e, também precisa estar satisfeito com ele, com o comprometimento de ser um profissional que se esforce em exercer atividades inovadoras, e que tenha ainda, habilidades comunicativas dentro e fora da sala de aula. Para estimular o raciocínio dos alunos com problemáticas, e questionamentos intrigantes, que se identifiquem com os seus interesses cognitivos.

Aconselha da mesma forma que o professor busque ser sensível, ao se deparar com os “erros” dos alunos, transformando esses em algo positivo e natural, percebendo desse modo, suas habilidades, progressões e avanços. Escutando-os seus problemas e necessidades. Pois, agindo dessa maneira poderá dirigi-las com eficácia, se colocando no lugar do outro, respeitando as individualidades, manejando as divergências, aproveitando-as para o exercício de opiniões próprias, a originalidade, e expressões de criatividade. Além do mais, deve utilizar as avaliações como aspectos de comunicação, para que o aluno reflita, exerça a segurança em si própria, a auto-confiança e a persistência.

Promovendo desse modo, a inter-relação entre os estudantes e educadores, gerando o desenvolvimento pleno, impulsionado pelo potencial criador. Facilitando assim, o processo de aprendizagem, para fomentar a educação de forma estimulante, com propostas diferentes, sem a reprodução simplesmente, de elementos do conhecimento, mas com a preocupação de desenvolver a criticidade para a criação de novos conhecimentos, que levam à resolução de problemas, apoiadas pelo entendimento de aprender a aprender, o que certamente resultará em desenvolvimento, e em crescimento.

2.2 CURIOSIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Assim, como o foco do estudo da criatividade, está voltado para a aprendizagem, o delineamento de curiosidade nesse processo, não será diferente. Pois, o destaque continua sendo o da aprendizagem que parte do ponto de vista do

interesse do aluno. A aprendizagem significativa, também ocorre mediada por essa ferramenta específica, a curiosidade.

É atribuído a Voltaire filósofo Frances, nascido em 1694 a expressão “Devemos julgar o homem mais pelas suas perguntas que pelas suas resposta” (Wikiquote, em 19.05.2013). Assim sendo, dizem popularmente que “o mundo é movido pelas perguntas e não pelas respostas”. Existindo também a afirmativa do filósofo grego e professor Aristóteles, nascido 384 a.C, dizendo que “a duvida é o principio da sabedoria”. Essas expressões são apropriadas para nesse trabalho evidenciar, a presença e a necessidade da curiosidade como grande aliada, do movimento de descobertas do ser humano.

As descobertas parecem inerentes ao homem, e podem ser estimuladas no processo de educação, por meio da curiosidade, ou seja, pela de necessidade de se conhecer o novo, pelo desejo de adquirir informações a respeito do desconhecido, ou até mesmo o aprofundamento de algo já conhecido.

Observa-se que muitas vezes nas escolas, ou mesmo em casa, as crianças não tem como deveriam ter, serem incitadas a ter curiosidade, ou interesse pelos assuntos, que importam para a sua formação. Dessa maneira, se comportam de forma inibida, desconfiada, não têm prazer em aprender, e também apresentam receio em questionar, deixando assim de obter novos conhecimentos, ou o novo conhecimento de forma clarificada. Nesse sentido, percebemos que para deter informações e aprender com prazer e significado, é necessário sentir-se atraído, pelo desejo de procurar o conhecimento e buscar novos desafios, ter a curiosidade aguçada.

A educação proporcionada de forma intrigante, e desafiadora deve ser o objetivo de todo educador. Isso em todo o tempo, não apenas aplicada em momentos, de atividade de proposta inovadora, mas de forma intrínseca à pratica docente incorporada ao aprendizado do discente.

Edgar Morin, educador Frances nascido em 1921, em entrevista realizada pela revista Nova Escola (n.168, 2006), diz que “a escola insiste ainda hoje em moldar em um padrão de certezas, e conhecimentos que parecem absolutos, mesmo inserida em um contexto de sociedade mutável e bombardeada por novas

informações e descobertas a todo instante.” Com essa fala o educador, nos adverte no sentido da busca por essa educação provocante, revolucionária, nos lembrando que ela é o link para solucionar muitos problemas existentes, que vão desde problemas relativamente familiares, até aos que envolvem as relações políticas. Pois, a educação tem como um de seus pilares e preocupação, o ensino de valores, que são ensinados no princípio às crianças, sem deixar de lembrá-los em todas as fases da educação formal.

É indispensável buscar desde criança, a compreensão do ser em si mesmo, para que a partir daí, possamos compreender os outros, e o ambiente que nos cerca bem como abranger o mundo, e a humanidade nessa compreensão. Para assim, também entender e conhecer as particularidades do homem, em seu papel no universo.

No entanto, observar a maneira como está sendo conduzida a prática da educação hoje, e a partir desse ponto de vista, nota-se, uma educação fragmentada à realidade, que aparta o que é inseparável, e esquece a multiplicidade e a diversidade.

O cientista alega que as disciplinas acabam por isolar as partes de um todo, acabando com as desordens e contradições que existem, para que os envolvidos no ensino e aprendizagem tenham a sensação de organização. Censurando essa forma de recurso, imediatista. Dando a entender que esse formato de educação, essa maneira de ensino, deveria ser extinta e substituída por uma nova estrutura que, apresente conexões entre os saberes, liberdade de questionamentos, e o provocar de desafios, para um aprender em que se exercite capacidade criativa e a curiosidade. Desafiando a complexidade dos problemas, e da vida propriamente dita, pois, assim, o ensino apresentará mais eficiência para os indivíduos.

Segundo Morin, os questionamentos gerados pelas crianças, em determinado momento são semelhantes ao dos adultos e filósofos. Para fazer tal afirmativa tem como base algumas perguntas que são inerentes a todo ser humano: De onde viemos? Quem somos? Para que vivemos? Sendo assim, a busca na tentativa de responder essas perguntas, já incita a curiosidade e permitindo com que elas comecem a se achar no espaço, e também a perceber, a interdisciplinaridade que os cerca.

Essas são perguntas que o homem ainda não tem respostas concretas, por isso a investigação, a busca, e a pluralidade dos diversos caminhos, as tornam interessantes. Por exemplo, se perguntamos sobre quem somos, para o estudante, ele irá com certeza, se deparar com diversos caminhos e “respostas”. Poderá assim estimular a prática da curiosidade, passando pela interdisciplinaridade como nos revela o texto a seguir:

Podemos ir pelo social — somos indivíduos, pertencentes a determinadas famílias, que estão em uma certa sociedade, dentro de um mundo que tem passado, história. Todos temos um jeito de ser, um perfil psicológico que também dá outras informações sobre essa questão. Mas também somos seres feitos de células vivas — entramos na biologia —, que são formadas por moléculas — temos então a química. Todas essas moléculas são constituídas por átomos que vieram de explosões estelares ocorridas há milhões de anos... E assim por diante. Sempre instigando a curiosidade e não a matando, como frequentemente faz a escola. (MORIN, 2006, n.168)

Entende-se dessa maneira, que a escola é o espaço com maior capacidade para estimular esta curiosidade, e dar sentido a aprendizagem, despertando a vontade de saber sempre mais. Acentuando nos educandos o anseio para o conhecimento da filosofia, literatura, música artes, bem como todas as formas de ciência e informações.

Edgar Morin, conta em sua entrevista que um jornal francês de literatura fez uma pesquisa com alunos, e se deparou com o fato de que jovens com idade de até quatorze anos, costumavam ler muito, e, além disso, gostavam do que faziam. Porém, após essa idade, revelou a pesquisa que eles vão perdendo o interesse.

O pesquisador comenta que alguns fatores de suas próprias vidas contribuem para isso, contudo a principal causa desse fato é o desestímulo. Ele atribui aos professores grande parte da responsabilidade, por esse acontecimento. Pois, ao invés de aproveitarem a literatura, que deve ser praticada com prazer, acabam por transformar esse saber em algo maçante, rompendo o texto em pequenas partes e analisando minuciosamente o vocabulário, sem apresentar o real sentido do texto. Também não aproveitam o tema para trabalhar a multidisciplinaridade, deixando que

se perca a riqueza que a literatura proporciona, tirando desses jovens, todo o interesse e gosto pela leitura.

Portanto, é fundamental perceber que a forma com que a educação é direcionada, pode estimular ou castrar os estudantes, acarretando benefícios ou prejuízos, que aos poucos trazem conseqüências, muitas vezes desastrosas, tornando a aprendizagem sem significado, e, além disso, fazendo com que percam o desejo pelo aprender.

Defensor também do questionamento e da busca pelas respostas pautadas nas curiosidades dos indivíduos, o educador José Pacheco, nascido em Portugal, no ano 1951, é de grande inspiração ao se falar em educação com significado. É o idealizador da escola da ponte, e apresenta com muita propriedade esse assunto, afirmando que tudo deve começar com perguntas.

Em suas apresentações, geralmente começa a explanação a partir de perguntas da platéia. Alega e acredita que se não perguntarem, é porque não estão interessados em saber coisa alguma, e se não estão interessados, ele não tem porque falar.

O professor José Pacheco em palestra realizada pelo TEDxAveiro em 2012, adverte que no formato educacional que se tem hoje, nas escolas, apenas inutilidades são postas, para que os alunos possam gravá-las com a finalidade de passar em testes. São informações descartadas da mente, logo depois de utilizadas. Afirma também, que “não faz sentido algum aquilo que hoje se faz na escola”, referindo-se e ao mesmo tempo, e recriminando a imposição de uma estrutura, que leva a uniformização, ou seja, a padronização de comportamento dos indivíduos.

Faz referência, censurando o sistema implantado, e afirma: “na escola não há pedagogia, há burocracia”, o que dificulta o processo do ensino e aprendizagem. Não existe amparo científico para justificar os dispositivos que são utilizados nas escolas hoje, como a exemplo dos métodos de aulas e provas. O educador alega que “aula é uma coisa inútil e prejudicial, fazerem teste é inútil e prejudicial”. Menciona ainda, que quando se aplica um teste o professor geralmente fica sentado observando, os que fazem a avaliação, ou seja, vigiando. Isso leva a pressupor e

inferir que aqueles que fazem a avaliação são potencialmente desonestos, pois se não o fossem, não haveria a necessidade de vigilância. Em muitas ocasiões, mesmo sem falar, os seres transmitem valores e princípios, “o não verbal fala mais alto que o verbal”. Podem também nestes casos, ser transmitidos e insinuados, valores equivocados, como os da mentira, trapaça, e falsidade. Compreende-se assim, que esses métodos traduzem questionamentos, e afirmativas, como a do professor Pacheco que diz que “fazer teste é um ato potencialmente deseducador”.

Ele propôs em forma de questionamento, e como educador uma grande questão a respeito de “porque que os alunos não aprendem?”. A partir daí, intensificou suas pesquisas, encontrou educadores que também se aliaram à mesma finalidade. Buscando na práxis, respostas para entender a questão. O consenso, ao qual chegaram lembram às expressões atribuídas a Voltaire e a Aristóteles, já mencionados no início do texto sobre curiosidade, quando cita que “partindo da pergunta se chega ao conhecimento”.

Conta, além disso, dois relatos que o motivaram a mudar sua prática. Faz referência há um dia, em que dava aula de ciência e, ensinava à turma a respeito do que é um ser vivo. Preparou então o material, e, escreveu no quadro negro que “ser vivo é aquele que nasce, cresce, reproduz e morre”. E admitiu, nunca ter tido dúvida em relação à sua maneira de ensinar. No entanto, um aluno perguntou: - “professor, é verdade que ser vivo é o ser que nasce, cresce, reproduz e morre?”. Pacheco sentiu entusiasmo confiando então, que finalmente tinha conseguido o seu intento, a aprendizagem. Mas, se conteve e perguntou: - “porque me perguntas isso?” E logo o aluno disse: - “porque eu acho que não é verdade”.

Esse fato ilustra que quando a educação é voltada para perguntas, tanto os alunos como os professores, devem estar preparados, para a troca do aprender. No caso do educador a exigência é maior, ele deve ser proativo, e provocar ainda mais as indagações, e estar disposto, pois surpresas acontecem.

Então, apreensivo, e se achando ofendido em sua certeza de bem ensinar, ele novamente pergunta: “porque achas que não é?”. Então o aluno retruca: - “professor repare: se o ser vivo nasce, cresce, reproduz e morre, eu já nasci, já cresci, mas ainda não me reproduzi e nem morri, eu não sou um ser vivo”. Esta afirmativa fez então, o professor refletir a respeito do seu modo de ensinar.

Refere-se também, ao episódio de uma menina, que perguntou: -“professor, é verdade que as arvores respiram pelas folhas, aquela questão da função clorofila?” O professor novamente, se contem, e agora, mais atento, às perguntas diz: - “que que tu achas?” E ela disse: - “eu acho que não”. Ele percebeu então, que não estava tão preparado como achava, pois ainda se viu confuso, em relação a sua postura de detentor do conhecimento. Havia dúvidas no que ensinava. E ela disse: - “repara professor, se as arvores respiram pelas folhas, por onde respiram as arvores no tempo em que não tem folhas?”. Se sentindo agora com um nó na cabeça, o professor repensa a aprendizagem.

A ocorrência destes episódios serviu para que os educadores, além de avaliarem o ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo, comesçassem a construir projetos com os alunos. Pois, entenderam que o professor não deve apenas preparar projetos para terceiros, mas sim, construir projetos com estes. Defendendo também, a questão da interdependência, onde ambos os lados têm a mesma importância, mas necessitam um do outro.

Deste modo, o idealizador da Escola da Ponte, diz que a partir de suas experiências entende que “professor não deve fazer planejamento de aula, porque é inútil”. Compreende-se então que além de “inútil”, este é também um método manipulador. Pois segundo o educador, “aquele que planeja a vida do outro está manipulando o outro e não ajuda-o a conduzir-se a planejar-se”. Tornando o individuo, em um ser dependente que não consegue tomar suas próprias decisões, e entender suas próprias vontades e curiosidades.

Ele declara que escola são pessoas e local onde se aprendem, contudo precisa que “haja necessidade e desejo” para aprendizagem. Faz menção, de que o “professor não existe para dar aula” e sim para auxiliar nas pesquisas, ressaltando que “pesquisar não é copiar”. Do mesmo modo, enfatiza que ele não “existe para fazer prova e sim para partilhar conhecimento”. Por isso a aprendizagem deve abordar a arte, a curiosidade, e a criatividade, para desenvolver não apenas e somente o andamento cognitivo, mas igualmente deve se preocupar com o domínio emocional, e todos os aspectos do pessoa, para o desenvolvimento acontecer de forma integral. Mas, destaca a curiosidade como essencial, para a pessoa começar a aprender, acredita ser este o ponto de partida. Assim, não existindo educação,

sem antes haver a curiosidade a respeito dela. Portanto, e se não houver, não passará de um método reprodutivo e inútil.

O educador José Pacheco destaca que em Portugal trabalham com comunidades de aprendizagem, e acredita ser possível aprender em qualquer lugar, e tempo. Seja na praça, no centro cultural, ou na escola. Advertindo que a escola não necessariamente, precisa ser um lugar com salas ou edifícios, para que a aprendizagem se torne eficiente. Pois, ao contrário, pensa que é mais difícil quando ela é feita em edifícios. Avisando que esse método praticado pelo sistema é puro desperdício.

CAPÍTULO III: PROJETO: AUTONOMIA

O Projeto Autonomia começou a ser pensado em 2009, após a visita do educador e idealizador da Escola da Ponte, em Portugal, José Pacheco, à Associação Educativa Vivendo e Aprendendo em seu III seminário "Porque sim não é resposta". Porém, realmente iniciou-se 2010 com a proposta educativa libertadora de pais-educadores desta Associação. Eles foram impulsionados a apressar o processo, pois os seus filhos já haviam concluído o primeiro ciclo, ou seja, o ensino fundamental. Tinham crescido, e necessitavam dar continuidade aos outros ciclos. Os pais primavam pelo ensino público, e com essa motivação elaboram o documento norteador, intitulado de "Projeto Autonomia". Ambicionando como princípio o desenvolvimento da autonomia, não apenas das crianças, mas, também de todos os participantes do projeto.

Assim sendo, com inspirações, vontades e parcerias, o projeto tem continuidade, com parceiros como a Associação Educativa Vivendo, que foi fundada em 1982 e tem por objetivo buscar a autonomia nas crianças, propondo uma maneira mais participativa e democrática, ao praticar o processo educativo, em que as decisões da instituição são decididas em conjunto, pelos adultos e crianças da escola. A Escola da Ponte, em Portugal, que nasceu de um idealizador, José Pacheco, realiza uma pedagogia diferenciada das demais e a Casa dos Pássaros, que não atua mais, porém era a tentativa de uma continuação da associação Vivendo e Aprendendo, pois continha ex-alunos e ex-pais desta. Eles sonhavam com esse prolongamento da instituição, porém, por exercer essa pedagogia diferenciada, acabou por não resistir às enormes pressões exteriores, como local para estas crianças estudarem, custos e distancia e divergências ideológicas.

No entanto, a luta e a busca continuavam, com o projeto em punho, o pequeno grupo, liderados por pais da Vivendo e Aprendendo, foi agregando mais parceiros. Então em 2011, a Universidade de Brasília, juntamente com a Faculdade de Educação, o Instituto de Psicologia, ex-pais da Associação, estudantes, e as escolas públicas, se engajaram na parceria. Com muitos encontros, discussões, e estudos foram se firmando, e a práxis nos espaços das escolas começaram a acontecer.

A primeira fase do Projeto que seria tido como Projeto três - fase um, foi apresentado na Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, como “Práticas Pedagógicas Inovadoras”. Com objetivo do estudo de diversos métodos inovadores da educação, buscando ampliar os horizontes dos estudantes, com reuniões envolvendo pais e educadores que participam desta prática diferenciada, principalmente dos parceiros da associação Vivendo e Aprendendo. No processo da primeira fase, ainda são propostas visitas e observações nestas instituições de pedagogia diferenciada. Gerando nos educandos uma inquietação com o processo educativo vigente.

Na segunda fase, Projeto três - fase dois - dá-se o início, realmente à práxis, e a busca do nosso foco, e à realização dos anseios relativos às pesquisas.

Nas fases seguintes, o projeto ganha novas proporções, e toma forma em um projeto de extensão denominado “Dialogando com Experiências Educacionais Inovadoras”. Passou então a exercer a práxis em outra dimensão, agregando novas escolas parceiras, aos participantes do projeto foi dada a autonomia de escolher locais para exercer as oficinas e estudos, com prazerosas reuniões semanais, com a prática de dinâmicas e conversas, em que compartilham desabafos, entusiasmos e as novidades.

Portanto o projeto, além de importantes leituras e discussões sobre práticas transformadoras existentes, concepções de infância, educação e cultura escolar, está presente a vivência de oficinas e reflexões do fazer nos espaços de interação com as crianças. Essa ideologia a qual nos propomos não pode ser apenas ensinada, ela é, antes de tudo uma vivência, uma práxis.

Tive a oportunidade de participar de todos os estágios do projeto e então executei minha prática somente na escola Classe 209 sul, pois estes ficaram interessados em nosso projeto, assim como a Escola Classe 304 norte.

Todas as quartas-feiras eram realizados encontros, abertos a interessados, o grupo era composto por quatro professores da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia de graduação das licenciaturas e pós, profissionais da educação, pesquisadores, pais e educadores da escola Vivendo e Aprendendo e da rede pública de Brasília.

A oficina era realizada semanalmente no contraturno das aulas regulares da escola, algumas práticas eram exercidas no turno regular, como atividades de yoga, arte, educação e projetos de pesquisa.

No contraturno tinha-se as oficinas de contação de histórias, batucada, corpo e movimento, teatragem, e perguntas e ideias. A oficina de perguntas e ideias foi inicialmente pensada por três pessoas, Jéssica Carvalho, Rafaela Cerveira e Andrea Marangoni, todas estudantes de pedagogia. Andréa deu grandes contribuições, porém tinha seus objetivos e alvos pessoais e resolveu exercer uma prática na Escola Classe 304 onde poderia trabalhar com a filosofia, que era sua vontade.

Seguindo eu e Rafaela Cerveira, mediamos a oficina por um semestre. Esta se graduou e no outro semestre tive como parceira Daniele Prandi, adotando os mesmos ideais, apenas com alguns ajustes.

No projeto, foi proposto a nós que fizéssemos diários de bordo, contando e relatando os acontecidos nas oficinas. Uma escrita livre, onde colocássemos as narrativas do dia e também nossos anseios, dúvidas, realizações, medos, chateações e reflexões.

Compartilhados estes diários de bordo com o grupo, éramos aconselhados e construíamos uma educação onde todos participavam e partilhavam de um só pensamento. Uma prática em conjunto e democrática, onde todos tinham voz, não existindo ninguém mais importante e mais sábio que alguém.

A Prof. Alexandra Militão por muitas vezes nos alertava sobre a importância da escrita e de como as palavras nunca envelhecem dizendo que o registro é a melhor maneira de guardarmos aquilo que é importante para nós. Então após cada oficina é o que fazíamos, diários de bordo, para nada ser esquecido. Muitas vezes foram diários compartilhados, feitos pela dupla e outras vezes foram individuais, pois não existia uma única regra a ser seguida.

Este projeto teve como base e princípios a solidariedade, a autonomia e a responsabilidade e tem como característica pedagógica essencial a autonomia: onde busca-se que a criança saiba caminhar sozinha, sendo questionadora e crítica; a responsabilidade, trazendo a confiança na criança e os dispositivos utilizados na Escola da Ponte, para que essa se sinta responsável pelo seu processo de

educação; a solidariedade, que valoriza o respeito e o auxílio ao próximo; outra característica é a inclusão, pois todos os alunos precisam ser incluídos. Cada ser tem sua dificuldade, independente de qual seja e todos precisam se sentir em um ambiente onde haja compreensão e estímulos.

Estes princípios e características foram exercidos dentro das salas de aula, nas oficinas e fora delas, nas reuniões, foi um projeto que realmente fazia o que propunha, onde todos tinham voz, existia o respeito, a inclusão, a responsabilidade e muita solidariedade, onde todos caminham juntos para uma só direção.

CAPITULO IV: OFICINA DE PERGUNTAS E IDEIAS.

A oficina de Perguntas e ideias, praticada na Escola Classe 209 Sul, teve duração de dois semestres, no contraturno das aulas regulares. Nessa oportunidade, colocamos em exercício o nosso aprendizado, observamos e vislumbramos o modo, e a forma de ensino que queremos aplicar num futuro próximo.

A oficina foi idealizada a partir das nossas inquietações e anseios, e surgiu depois de muitas conversas, reuniões, discussões e combinações, que foram ajustados e transformados em prática. Rafaela e eu ficamos a princípio responsáveis pela oficina de Perguntas e Ideias, com uma breve, porém significativa participação de nossa colega Andrea. Permanecemos na escola da 209 Sul, uma escola de ensino integral, durante o primeiro semestre..

A escola integral não tem como base ser unicamente de período integral, ou seja, apenas para que as crianças permaneçam o dia inteiro nela. Mas, deve buscar o desenvolvimento do aluno integralmente, em suas varias instâncias, e não somente em sua cognição. Conseqüentemente, assim como se propõe a educação integral do Governo do Distrito Federal, foram oferecidas na escola, oficinas em que se procura desenvolver nas crianças o processo de educação integralmente.

As bases para o trabalho na oficina estavam assentadas em princípios e características do nosso projeto, para a aprendizagem significativa. Estávamos motivadas a desenvolver nas crianças o interesse por aprender. Dessa maneira, procuramos estimular as crianças com questionamentos. Por exemplo, fazíamos perguntas como: por que o navio não afunda? Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Por que o sol vai embora ao final do dia? Essas são indagações básicas e usuais, mas ainda são intrigantes, e a partir delas, buscávamos motivar, e instigar a curiosidade, com a intenção de despertar nelas o sentido de autonomia. Além disso, originar a solidariedade e a cooperação com o intento de que se mobilizassem, e organizassem uma estrutura para as pesquisas necessárias, que surgiriam após a sequencia de perguntas que seriam feitas a nós, pelo grupo de estudantes, na busca pelas respostas dos questionamentos propostos.

A partir destas indagações, queríamos despertar a curiosidade, buscando a autonomia, solidariedade e promover uma estrutura de pesquisa que surgiria após perguntas levantadas pelo grupo de estudantes. Trabalhando sempre dentro deste espaço/tempo, o respeito, a colaboração, o trabalho em equipe, a inclusão e o momento de falar e escutar.

Fundamentalmente tínhamos pensado em uma oficina, cuja organização fosse das crianças, sem que estabelecêssemos nenhum sistema, ou normas, nossa função era a de mediadoras. A oficina estava em pleno andamento, conforme o interesse dos alunos, e suas necessidades fazendo-se adaptações. Contudo, em determinado momento precisamos interferir, pois observamos uma conduta um tanto agressiva por parte de alguns, ninguém ouvia ninguém, todos falavam ao mesmo tempo, e só atendiam se fosse aplicado certo tipo de punição.

As coisas não andavam da maneira que havíamos planejado, paramos para refletir e discutir a respeito dos acontecimentos. Assim sendo, concluímos que eram necessárias algumas mudanças, e decidimos antes de prosseguirmos, trabalhar essas questões e só depois ambicionar partir para outras fases, como a pesquisa. O número de crianças alterava, pois como sua prática acontecia no contraturno, alguns pais tinham dificuldades de horário e de tempo. Às vezes buscavam as crianças mais cedo, outras estavam presentes em uma semana, e depois simplesmente faltavam. Algumas começaram a freqüentar em meio ao semestre, outras deixaram de freqüentar. Mas, um grupo de pelo menos oito alunos freqüentava continuamente, às vezes sendo três meninas e cinco meninos, às vezes sendo quatro meninas e cinco meninos chegando as vezes a nove o número de crianças. Consideramos a freqüência dos alunos, muito importante para a continuidade e unidade do projeto.

Portanto, continuar os trabalhos da oficina, resolver os problemas existentes e partir para fases posteriores era desafiante. Desse modo, as orientações de Dani, Fran e Carla mediadoras de outras oficinas, foram essenciais, para encontramos uma maneira de lidar com essas questões, que nos deixavam preocupadas. Começamos com um trabalho, de busca da concentração, com o próprio corpo. Aquecer o corpo, fazer movimentos em torno de si, numa proposta de atividade corporal, para construirmos uma rotina, incluindo a reflexão, o lúdico e a pesquisa. O

exercício dessas atividades era prazeroso, geralmente se incluía, brincadeiras, e pesquisa usando a internet. Ao final, sentávamos em uma roda de conversa, e cada um falava sobre o que tinha ou não gostado.

Adotamos também, a sugestão de um tema, como pesquisar sobre o Sistema Solar, isso em consonância com o interesse dos alunos e manifestações sobre o assunto. No entanto, observamos a instantaneidade em seus interesses, rapidamente mudam a atenção para outra coisa, e de repente o Sistema Solar que era tão interessante, deixou de ser, pois eles já tinham aprendido o que desejavam naquele momento.

Com isso, notamos a necessidade de incluir mais algumas atividades, pensamos e decidimos por trabalhos manuais, para manter a concentração, estimular a imaginação, a criatividade, exercer a cooperação, a solidariedade. Assim, desenvolvemos um vídeo em stopmotion, de massinha. O que nos deu o prazer de observar o engajamento para a construção dos vídeos (encontra-se o link nos apêndices), pois as crianças estavam respondendo aos estímulos, permaneceram muito envolvidas durante a atividade, uma vez que se sentiam realizadas em obter resultados que podiam ver, do seu trabalho, ou seja, uma produção exclusivamente deles, não havia intervenção de “adultos”, apenas orientação. Dessa maneira, fechamos o semestre e ficamos satisfeitas com essa conclusão.

No segundo semestre, a Daniele era a minha parceira, e tinha os mesmo anseios. A rotina das educadoras seguia na mesma linha, de execução das rotinas, com as atividades, e ao final a avaliação grupal sobre as ocorrências do dia. Mas, foi um semestre atípico, em outro clima, surgiram algumas barreiras, havia pouco interesse da escola em continuar mantendo o projeto. Porém, demos continuidade, prosseguimos com nosso trabalho na oficina.

O grupo era composto de oito crianças, três meninos e cinco meninas, e proporcionamos a eles liberdade de escolha, para o tema a ser trabalhado. Decidiram por pesquisar sobre suas curiosidades, para depois compartilhar conosco. E, como tinham muitas ideias e assuntos, sugerimos a criação e elaboração de um livro, cuja finalidade seria registrar suas curiosidades. A resposta foi imediata, os

alunos logo começaram a pesquisar, e a escrever, estavam entusiasmados, motivados, cada um queria escrever um livro. No entanto, devido a algumas dificuldades recomendamos que todos se envolvessem na construção de um único livro. Participando do mesmo trabalho, exercendo também a criatividade e a solidariedade, cada uma contribuiria com habilidades individuais, um escrevia, outro desenhava, outro pintava, desempenhavam assim uma diversidade de papéis, mas com o mesmo intento.

Constatamos que mais uma vez, as crianças ficaram muito satisfeitas e orgulhosas de si mesmas. Nós do mesmo modo, estávamos vibrantes, por ter participado desse ensino e aprendizagem com elas, observando, orientando, sugerindo, aconselhando e acompanhando passo a passo a evolução, o desempenho delas, do início até a conclusão e o resultado do trabalho.

Todos os interesses, ansiedades, histórias e relatos foram registrados em nossos “diários de bordo”. Algumas vezes, eles foram completados coletivamente com a participação das duas mediadoras das oficinas, e outras vezes, individualmente, para conclusão e finalização do semestre. Ao fazer esse registro, ao final de cada semestre constatávamos que além da realização de uma etapa, em que aplicamos nosso conhecimento, e crescido em experiência, também tínhamos amadurecido o prazer e o amor pelas crianças e pela nossa escolha como pedagogas.

CAPITULO IV: METODOLOGIA

Pesquisar é um ato de essencial importância para a construção da aprendizagem. Fundamenta-se na busca por respostas ao problema surgido, denominado “problema de pesquisa”. Pode ser feita por meio de metodologias, ou seja, procedimentos elegidos e adotados, para a realização de um estudo. Entende-se assim, que para se iniciar uma pesquisa, há a necessidade de planejamento, desse modo, as informações serão mais confiáveis e compatíveis com os objetivos propostos.

Segundo Selltiz (1974):

[...] uma vez que o problema de pesquisa tenha sido formulado de maneira suficientemente clara para que se possam especificar os tipos de informações necessárias, o pesquisador precisa criar o planejamento de pesquisa (...) que varia de acordo com o objetivo da mesma.

Observar-se então que o alvo da pesquisa determinará o planejamento e o método a adotar, demonstrando que uma metodologia não é melhor do que outra. Mas, é necessário perceber a adequação, para o tipo de pesquisa, o que certamente facilitará o processo da análise

A escolha da metodologia para a pesquisa da presente monografia é de natureza “qualitativa”. Com o emprego de dados descritivos, obtidos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Na perspectiva de entendimento do fenômeno, sob a ótica dos participantes, para situar a interpretação dos elementos estudados.

O método está estruturado no empirismo e enfatiza a subjetividade. Todavia, apreende-se que na pesquisa qualitativa, o pesquisador procura verificar um fenômeno por meio da observação e o estudo do mesmo. (Kirk e Miller, 1986). Por isso, a escolha da metodologia de pesquisa qualitativa, cuja intenção se traduz em produzir subsídios a partir da observação e do estudo de lugares, pessoas ou ainda, processos, com os quais o pesquisador revela o intuito de constituir uma relação direta com o objeto de estudo, para compreender os elementos analisados. Além disso, é importante lembrar que esta pesquisa não tem o intuito de medir e enumerar

os dados, mas sim, analisar os elementos descritivos em que o pesquisador procurou, indagou e teve acesso, em ambiente natural, fonte direta de dados.

Aliado ao método qualitativo, ao mesmo tempo, a pesquisa consiste em abordagem epistemológica, de pesquisa participante, para que se constitua um diálogo entre a teoria e a prática. Essa busca de interação dialética tem o intento de gerar um trabalho sob a perspectiva da práxis, em que o conhecimento científico é posto para fins explícitos de intervenção, e há a valorização do saber dos seres envolvidos.

O estudo tem como prática as oficinas, sendo a pesquisa realizada, dentro e fora desse ambiente. É exercida de maneira em que todos são co-autores do processo, e valorizando a singularidade de cada momento. Com o intuito também, de entender os interesses pessoais, coletivos e institucionais, promovendo o interesse, pelo aprender, permitindo aos sujeitos serem agentes de sua educação. Onde tiveram espaço para apresentar seus problemas e dúvidas, e ainda buscar respostas. Assim, tendo a oportunidade de avaliar os fatos e fenômenos, como ocorrem no real.

Também são usados como instrumento da pesquisa os “diários de bordo”, em que são registrados, os dados referente aos acontecimentos da oficina. Neste caso, da Oficina de Perguntas e Ideias, da Escola Classe 209 sul, que tinha a participação de oito a nove alunos entre meninas e meninos, com idade entre sete e quatorze anos. Com mediadoras, atuando sempre em dupla, alunas da Universidade de Brasília, estudantes de pedagogia, que estavam presentes na escola as segundas e as quartas-feiras, para participar de discussão metodológica e científica do projeto ao qual o grupo estava inserido.

O exercício desse projeto demonstra sua ideologia, pois visa uma audaciosa transformação na forma de educar e aprender, por parte de suas idealizadoras. Essas mudanças pretendidas revelam também, o anseio e vontade de por em prática o conhecimento adquirido. Esperando-se com dessa forma aplicá-los tanto para transformações imediatas, observadas no transcorrer da pesquisa, quanto para mudanças em longo prazo, e que não necessariamente precisam ser identificadas no momento dessa pesquisa.

A metodologia empregada conclui-se com a análise e interpretação, dos dados, dialogados com as experiências obtidas, registradas em nossas mentes e nos diários de bordo, onde eram feitos os relatos de maneira informal, do dia-a-dia dos estudantes da oficina, mas, no entanto, sem deixar a importância dos fundamentos teóricos.

Entretanto, só está completa, quando é arrematada com a devolutiva do trabalho para a comunidade. Proporcionando aos mesmos, a ciência de todas as etapas pelo quais passaram e participaram, sendo submetidos aos seus próprios questionamentos. Numa demonstração da intenção dos agentes pesquisadores e aplicadores, de que ocorresse à troca de conhecimentos de ambas as partes. Almejando também o reconhecendo de que este tipo de pesquisa não se traduz na busca do conhecimento absoluto do pesquisador, e sim o partilhar do diálogo, entre pesquisador e pesquisado, promovendo a dialética da teoria com a prática.

CAPÍTULO VI: ANÁLISE DOS DIÁRIOS DE BORDO

A reprodução aqui de trechos dos diários de bordo, produzidos nos dois semestres da oficina de Perguntas e Ideias, demonstram que não obedeceram ao uso de regras, e normas. Alguns trechos foram escritos pela dupla, e outros individualmente, por isso também a dificuldade em separá-los por autor. No entanto, a cada uma foi permitido em comum acordo o uso, dessas anotações, para a finalidade de estudo.

Assim sendo, dou início à reprodução dos relatos, e análise dos mesmos. Dando destaque ao fato de possuírem linguagem informal, de anotações em conversas, e transcrita, com pequenas correções, conforme estão nos diários.

- Primeiro semestre: parceiras Jéssica Carvalho e Rafaella Cerveira

Relato

Antes de começarmos as oficinas os monitores da escola avisaram que muitas crianças não estavam em nenhuma oficina, pois não participaram da semana de escolha. Por isso uma representante de cada oficina passou nas salas e falou um pouco da oficina, também deixaram as crianças mudarem de oficina caso desejassem.

Ficamos com sete crianças, sendo duas novas e cinco do primeiro dia. Arrumamos a sala com grupos de quatro mesas (ou mais) e cadeiras nas laterais e um grande espaço no meio para nos reunirmos em círculo e fazer outras atividades no grupão.

Pedimos que as crianças ficassem em círculo nas cadeiras (já que não gostam de sentar no chão) e se apresentassem. As crianças antigas avisaram que já tinham se conhecido, avisei que seria legal nos apresentar para os novos colegas e os conhecer melhor. Pedi que cada um falasse seu nome e o que cada um gostava de fazer.

Respostas: Desenhos, videogame, travessuras, Franças, brincar e etc

Análise:

Observa-se nesse relato que ao iniciar a oficina, não escolhemos e também não queríamos que nenhuma das crianças estivesse nela por imposição, obrigação, ou qualquer outra forma de indução. Deixamos bem claro que só estariam na oficina aqueles que apresentassem a curiosidade e o interesse de participar dela. Pois, acreditamos que ao fazermos algo sem ter vontade, não temos o desejo de aprender, apenas estamos cumprindo um papel.

Portanto, as crianças que participaram, o fizeram de própria vontade. No primeiro dia, praticamos um questionamento pessoal, pois perguntamos a elas sobre seus gostos. Atendendo a uma orientação de Paulo Freire (1987) e David Ausubel (2002) ao mencionarem que devemos dar voz as crianças e extrema importância aos seus gostos e conhecimentos prévios. Para que a aprendizagem não seja sem sintonia com o indivíduo, enfatizando assim também, Ausubel (2002), que a aprendizagem deve ser psicologicamente significativa.

Relato

Durante a atividade sempre tinha duas crianças que começavam a falar enquanto outra criança ainda estava falando. Duas crianças sempre reclamavam do colega não deixar ninguém terminar de falar. Por isso resolvemos fazer um combinado com o grupo, perguntamos o que podíamos fazer para isso não acontecer, outros dois alunos deram a ideia de que sempre que alguém quisesse falar levantasse a mão. Combinamos isso com o pessoal e perguntamos se eles estavam de acordo, todos aceitaram, porém os meninos sempre atrapalhavam os diálogos do círculo. Quando atrapalhavam a gente sempre tentava retomar o combinado.

Análise:

Ao refletir a respeito da aprendizagem significativa, entendemos que uma das suas características a cooperação, de um para com o outro, e que ninguém aprende sozinho. Portanto decisões em conjunto são muito importantes para estabelecer o respeito com o próximo.

Outro ponto a ser destacado, refere-se à participação da professora Albertina Martinez (2002), que nos propõe como sugestão, o exercício da criatividade, para esses momentos. Assim, devemos problematizar as crianças, para que essas

visualizem caminhos que podem seguir, e façam escolhas do que julgarem ser o mais coerente com seus objetivos. Por isso, não fizemos imposições, resolvemos fazer combinados, questionando-os e estimulando o uso da criatividade, quando permitido que a sugestão e solução partissem deles. Acredito que ao fazerem os combinados, estão resolvendo seus problemas, de maneira criativa e solidária.

Relato

No círculo pedi que as crianças que estavam na oficina anterior falassem o que tinham feito, elas falaram e a partir disso voltamos às questões que elas gostariam de saber mais.

Resolvemos escrever no quadro as questões e pedimos que cada criança desenvolvesse sua hipótese de resposta em uma folha.

Análise:

Estávamos sempre buscando o que as crianças gostariam de aprender, cautelosas ao sentido de não impor o que deveriam estudar. Atentas a questão da permissão e a motivação criativa. Observamos que elas usaram bem a imaginação, para elaborar as hipóteses de suas indagações, sendo até mesmo originais. O que nos remete novamente a Ostrower (1997) quando ressalta que a criatividade não é uma dádiva dada a escolhidos, mas sim algo que todos podem praticar. Assim acredito, e, esse momento foi importante para a reflexão.

Relato

Durante as respostas percebemos o grupo muito interessado em perguntas sobre o Sol e a Lua. Foi o sinal para continuarmos nela, perguntamos sobre o Sol, Lua, Terra, onde ficavam e várias coisas relacionadas.

Fizemos teatro sobre os movimentos do Sol, Lua e a Terra no sistema solar. Decidimos pesquisar mais sobre o SISTEMA SOLAR e fazer uma maquete depois. Então falamos ao grupo o que gostariam de saber mais sobre o sistema solar.

Fomos anotando algumas perguntas no quadro e depois pedimos que cada um escolhesse uma para perguntar aos familiares, pesquisar na internet e livros. Pedimos que cada um escrevesse sua pergunta no papel que distribuimos no

começo da oficina ou no seu próprio caderno. Ao JC. Pedimos que desenhasse, pois tem dificuldade para escrever.

Análise:

Notamos quais eram os temas de maior interesse do grupo, e então cultivamos suas questões, para focar o estudo. Nesse caso, o Sistema Solar, foi o escolhido para a experiência de exploração da curiosidade. Os momentos dessa atividade foram de prazer do aprender. Usamos da criatividade proposta pelos alunos para nos divertimos enquanto o tema era estudado.

Aproveitamos também para lembrar e ponderar sobre o pensamento de Edgar Morin (2006), que propõe, a não separação das áreas de conhecimento por disciplinas, advertindo que tudo é interdisciplinar. Deste modo, enquanto abordamos o Sistema Solar, percorremos diferentes áreas: falamos, fizemos teatro, e mostramos visões de outras disciplinas, que estão envolvidas no processo, dando significado a educação. Compreendendo na prática, o que o pesquisador alega que isto é o que deixa o ensino interessante e integral.

Relato

Na pesquisa sobre os Dinossauros teve o momento do intervalo e a Tia Luana chegou e pediu que todos fizessem uma fila para irem ao lanche. No momento do lanche todos estavam juntos em uma das mesas lanchando. A Tia Luana chegou e pediu que todos formassem uma fila para voltar a sala, falei que tudo bem, com o pessoal da minha oficina eu cuidava da volta a sala. Sentei na mesa com eles e perguntei se já estavam acabando, todos disseram que sim. Questionei se todos sabiam onde era a sala de informática, disseram que sim. Perguntei se eles conseguiam ir para sala sem bagunçar a escola ou precisavam ir em fila? Falaram que conseguiam ir sem precisar da fila. Como a nossa turma é um grupo pequeno todos foram tranquilamente.

Voltamos a sala com a turma um pouco reduzida, pois os pais iam chegando e buscando as crianças.

Análise:

Penso que Carl Rogers (1985) é apropriado quando diz que não temos como trabalhar a aprendizagem significativa sem confiarmos em nossos educandos. Essa fala demonstra que precisamos dar a eles a chance de serem donos de si próprios. Com potencial para tomar decisões, mesmo ainda crianças.

O exemplo mostra que eles não só foram capazes de ir para a sala de aula com tranqüilidade, como também escolheram o tema da pesquisa. Entende-se dessa maneira que também podem ser ousados, suficientemente para escolha do que querem estudar.

Portanto, percebemos alguns pontos importantes para a construção da educação significativa, como por exemplo, o fato de permitir escolhas para o desenvolvimento da autonomia, incentivar a confiança na capacidade do outro indivíduo, sem querer ser o dominador da situação.

Relato

Com todos sentados demos papel e lápis de cor, pedimos que desenhassem sobre uma cena que gostaram ou algo que descobriram durante a pesquisa na sala de informática. Durante o desenho fizemos voltamos a perguntas iniciais e outras perguntas sobre os dinossauros, quem soubesse ou quisesse responder deveria levantar a mão... Alguns falaram ao mesmo tempo, falavam com a mão levantada e levantam a mão para levantar. Quando falavam ao mesmo tempo avisávamos que não entendíamos nada ou pedíamos para alguma das crianças nos explicar o que eles falaram e ela falava que não entendiam nada. Quem levanta a mão e fala a gente avisava que deveria levantar a mão para depois darmos a palavra. E foi isso até que todos desenhassem e acabássemos as perguntas sobre os dinossauros.

Análise:

Neste momento procuramos estimular as crianças a responderem as perguntas, dando significação aos conhecimentos adquiridos, entendemos que não basta aprendermos algo, precisamos também compartilhar. Principalmente se esse conhecimento for de interesse do grupo. Partilhamos até nossos anseios, angustias, contentamentos e descobertas.

Pedindo a elas que desenhassem o que tinham visto ou uma cena que gostaram. Auxiliamos e estimulamos a criatividade, para recriar algo que lhes fazia sentido. Lembrando que Vygotsky (1997) recomenda auxiliar a criança, para que alcance um nível psicológico que ainda não foi obtido, e não para os que já o foram. Creio, portanto que a estimulação com perguntas e desenhos, impulsiona as crianças para desafios, e o desenvolvimento do pensamento. Incitando-os a alcançar um novo nível psicológico.

Relato

Mudamos um pouco a concepção inicial da oficina. Iremos fazer pesquisas em cada dia sobre um novo assunto e concordamos em trabalhar com eles primeiro algumas questões: as professoras não são as tias, montar a própria rotina da turma; escutar o colega; respeitar os combinados e tentar focar nesses combinados.

Análise:

A aprendizagem de conteúdos é de fundamental importância, no entanto, aprender a ser um cidadão é importante do mesmo modo. Carl Rogers em seu livro, Liberdade de Aprender em nossa década, nos conta a respeito de um professor, que ressalta esse aprendizado, dizendo que: “As outras aprendizagens pessoais eram mais importantes para ele. O aumento em autoconfiança, em criatividade, na capacidade de fazer escolhas corretas, a autodisciplina do estudo- isso sim era-lhe significativo” (ROGERS,1985, pg.18)

Esse é um exemplo que procuramos seguir, quando optamos principalmente em ensinar e aprender a respeitar e cooperar, para posteriormente, iniciarmos os conteúdos. Com a visão de que de nada adianta ter conhecimento formal, sem antes ser um cidadão.

Outro dia 21/05/12

Relato

Eu estava com as crianças na sala quando cheguei. Estávamos entre 15-20 crianças.

Todas estavam conversando, algumas gritando ,correndo pela sala e pegando alguns materiais. Perguntamos quem já estava na oficina nos outros dias, os que estavam levantaram a mão. Perguntamos se eles lembravam o que tínhamos

combinado na nossa turma, quando tentavam levantar a mão ou falar, as crianças que não eram da oficina começavam a gritar ou levantar para ir falar pessoalmente com a gente.

Pedimos silêncio e perguntamos quem realmente era da oficina, levantaram a mão. Pedimos que ficassem em pé. Depois perguntamos quem realmente queria participar e ficar na Oficina.

As crianças perguntaram se alguém iria brigar com elas caso saíssem da oficina, avisamos que ninguém iria brigar. Algumas crianças falaram que iriam contar para os monitores que as crianças estavam saindo da oficina, avisamos que não precisava contar, pois só precisavam ficar na oficina quem quisesse realmente participar.

Análise:

Carl Rogers (1985) nos recomenda, facilitar a aprendizagem, e liberar os alunos para que estes sigam seus caminhos, e que estes sejam determinados por seus interesses, não impondo aos educandos, o que devem ou não estudar.

Deste modo, deixamos as crianças à vontade para decidirem, a permanecer ou não, nas oficinas. Assim, apenas ficavam as que tivessem interesse em continuar. Não faria sentido, nem para as monitoras, e nem para os estudantes, estar lá por obrigação e não por desejo, ou, por vontade própria.

Relato

Quando as crianças acabaram de falar todas as ideias, a monitora Jéssica pediu a palavra e deu uma sugestão com as ideias levantadas pelo grupo que agradou a todos:

Rotina

1– Pesquisa na sala de informática – Dessa vez cada pessoa poderia pesquisar sobre o que quisesse

2 – Jogos no computador

3 – Falar ao grupo sobre o que pesquisou

4 – Brincadeira

5 – Conversa sobre o dia

O caso do Gabriel: O Gabriel entrou hoje na oficina. Antes de entrar na sala fiquei conversando com a Thais ao lado de fora da sala para saber por que ela não queria entrar na oficina. Ela disse que o Gabriel iria atrapalhar que ele dava muito trabalho e várias outras coisas, ao lado de fora também estavam outras crianças que não eram da nossa oficina e ficaram me avisando de como o Gabriel é problemático. Dentro do espaço da oficina o Gabriel se mostrou completamente diferente, respeitava a fala de todos, dava opinião, focava nos momentos da atividade. Contribuiu muito em todas as atividades. Inclusive ao final da oficina falei que ele tinha enriquecido a nossa tarde, outra criança também disse que ele era muito inteligente e tinha ajudado, só que na sala (turma da manhã) era muito conversador. Ele deu um riso feliz.

Análise:

Acredito que o Gabriel, se comportava de maneira diferente, da que os seus colegas haviam falado, quando estava na oficina. Ele se empenhou em acompanhar e participar dos trabalhos tinha interesse, e respeitava as decisões do grupo. Estar na oficina, para Gabriel, fazia sentido, gostava de se envolver nas atividades, sabia que queria participar, e não porque era obrigado a fazer parte de algo, ou, daquele ambiente, era por sua vontade que estava presente.

A realização da oficina, agora obedecia a uma rotina, proposta pelos estudantes, combinada com a sugestão, algumas vezes, das mediadoras.

Relato

Todos gostaram da atividade e então cada criança começou a pensar sobre o que iria pesquisar.

Pedi em uma folha de papel que uma das crianças colocasse o nome de todo mundo que estava presente. Quem já havia decidido o tema de pesquisa escrevia no papel o seu nome, o tema escolhido e o que pesquisaria sobre o tema. Os que não sabiam escrever muito bem, pediram a nossa ajuda.

Os grupos de pesquisa foram formados:

A - Gabriel e Felipe : Tema – “Quebra-cabeça” Quem inventou o quebra-cabeça? O dia? Quem mais joga?

B - Alice e Carlos Eduardo: Tema – “Água” Para que serve? Onde tem? Esportes?

C - Marcus, Beatriz e Thaís: Tema –“ Vampiros” Como viram vampiros? Como eles morrem? São maus? Existem?

Estipulamos um tempo para cada atividade e todos foram à sala de informática.

. O Gabriel e o Felipe pediram um papel para anotar o que estavam pesquisando, entregamos para cada grupo um papel, lápis e borracha para anotarem sobre a pesquisa que estavam fazendo.

Análise:

Tentamos deixar para as crianças a sugestão do que iriam fazer, não impondo, mas, consentindo com que a criatividade e o pensamento fluíssem, com a intenção de exercitar sempre nelas o desejo de aprender. E por ser o trabalho escolha deles, houve empenho na atividade em grupo, para as anotações e também para a pesquisa, sem a intervenção das monitoras.

São indivíduos que se reúnem para aprender juntos, usufruindo do mesmo sentido da curiosidade, enriquecendo o trabalho. Mérito para os estudantes.

Meditamos então, no pensar de José Pacheco (2012), que alerta para o fato de que o professor não está presente em sala apenas para dar aulas, e também, não está munido de conhecimento inquestionável, e sobre tudo, lembra que ele está lá para auxiliar nas pesquisas dos estudantes.

• Segundo Semestre: Parceiras Jéssica Carvalho e Daniele Prandi

Dia 03/09/12

Relato

As crianças estavam no pátio e então fizemos a exposição sobre as oficinas e conforme as suas escolhas elas iam se encaminhando para suas respectivas salas.

Muitos alunos escolheram nossa oficina porém nem todos queriam estar ali. Perguntamos quem realmente gostaria de estar lá e então o número foi reduzido pela metade. Ficamos com as crianças que ficaram. Daí fizemos uma roda e começamos as apresentações individuais. O que gostavam/não, gostavam, enquanto isso a Dani ia anotando, as meninas apelidaram de folha secreta. Pois estavam contando seus segredos e por ter muitos elementos na escola que elas não gostavam, a gente resolveu fazer um cartaz. No cartaz eles escreveram que o que não gostavam na escola era de ficar trancados, de brigar, dos chingamentos, da maioria das refeições, da como de eram tratados, da sala abafada, de não ter brinquedos, do bebedouro, de algumas professoras, da falta de respeito dos alunos e professores, do recreio junto e das preferências de algumas salas.

Análise

Neste dia, procuramos valorizar a fala individual, deixando-os aconchegados, até o ponto de se sentirem à vontade, para escrevermos a “folha secreta”. Dessa maneira também surgiram muitas idéias, todas deles. Mostrando interesse pelo o que estava acontecendo, pedindo então até para fazerem um cartaz.

Nesse sentido, a pesquisadora Albertina Martinez (2002), ressalta que o educador deve estimular os alunos por meio de suas problemáticas, incitando-os às resoluções. Desenvolvendo, além disso, as suas habilidades comunicativas, dentro e fora da sala de aula. De tal modo, o relato demonstra que procuramos como educadoras motivar os estudantes a revelar suas dúvidas, utilizando-se como instrumento a “folha secreta”, para o ato comunicativo, com o intento de instigá-los a buscarem suas próprias soluções, despertando à autonomia.

Relato

10/09

Novas crianças entraram no grupo e algumas saíram. As crianças novas se apresentaram e mediamos um conflito entre dois alunos, o que nos rendeu muito tempo da oficina, porém, proveitoso! A turma inteira se pronunciava tentando resolver o problema. Depois uma das crianças sugeriu que fizéssemos as regras, porém perguntamos se ao invés de regras não era melhor fazer algo como um combinado em que todos podiam opinar e não uma coisa impositiva. Então fizemos outro cartaz com os combinados. Era sugerido o combinado por alguém da turma e se todos concordassem colocavam no cartaz. Algumas crianças apresentaram o cartaz e depois eles pediram para brincar. Então fomos brincar de queima senta.

Análise

Ao avaliar esse relato, noto que a intervenção pedagógica, no momento em que queriam fazer regras para todos seguirem, lembrando novamente a fala de Albertina, quando recomenda impulsionar os alunos a resoluções, por meio de suas problemáticas.

Quando foi proposto o combinado, pensava-se desenvolver em conjunto, o que acertado pelo grupo, sem imposições ou regras. Combinados são mutáveis, e a partir do momento em que há a necessidade, pode-se acrescentar ou retirar algo. Transformando-os também em uma aprendizagem significativa. Pois como desvenda Vygotsky (1997), o ser humano é um ser social, que se desenvolve

socialmente. Por conseguinte, entende-se a intervenção pedagógica, como auxiliar, para o desenvolvimento do aprender a respeitar.

Relatos

17/09

Reunimo-nos, iniciamos uma conversa dentro da nossa sala e decidimos começar as pesquisas para montar nosso livro. Fui até a sala de informática para iniciar nossa pesquisa, lá estavam reunidos os alunos do segundo ano brincando com os joguinhos on-line. [...] Trouxe as crianças que se dividiram em dois grupos de pesquisa: lendas de terror e moda.

Pesquisamos, as meninas da moda focaram no jeans. Descobriram que ele era um tecido usado como lona, e que por necessidade dos mineiros usarem tecidos mais resistentes o jeans passa a ser usado para fabricar calças para os mineiros. As meninas do livro: lendas de terror. Pesquisaram sobre algumas lendas de terror que contaram para nós no final da oficina e as da moda também socializaram para turma o que tinha aprendido.

24.09

Reunimo-nos e dois meninos pediram pra participar, enquanto os novatos da semana retrasada não vieram na passada e nem hoje tinham aparecido. Deixamos que eles entrassem, pedimos para escolherem um tema de pesquisa e, juntos, decidiram pesquisar sobre videogames.

Falei que nós iríamos para o sala de informática pesquisar, mas as meninas não queriam e pediram para que nós fizéssemos a capa do trabalho. Todos concordaram. [...] Pedimos cartolina e tinta para uma moça que nos cedeu. Começamos nossa arte. Algumas crianças da escola gostaram da brincadeira com tinta e fizeram um desenho para elas também.

Foram quatro capas: moda, histórias de romance, primavera e vídeo game. Encerramos a oficina brincando do lado de fora a pedido dos meninos.

08/10

Enfim, não é isso que irá impedir nossa produção de autonomia e conhecimento. Smartphones vão virar computadores de pesquisa e se preciso roteadores, além dos notebooks que levaremos na próxima aula. Contudo, neste dia nosso planejamento já tinha sido afetado.

Resolvemos propor as crianças que criassem hipóteses de respostas para suas perguntas, hipóteses possíveis ou apenas vindas da imaginação. E que na aula seguinte iríamos comparar o que surgiu com o que pesquisarmos nos livros e internet.

Apesar dos contratempos, eu gostei das hipóteses que surgiram. Poderemos abordar vários aspectos através delas, aguardem os próximos capítulos!

Análise

Nos três relatos, observamos pontos em comum, como a aprendizagem por interesse, as crianças escolhiam o que queriam pesquisar. A criatividade, e a curiosidade foram estimuladas quando foi pedido para que formulassem hipóteses. Edgar Morin (2002) reafirma a aplicação dos nossos ensinamentos, ao ponderar que a escola deve estimular essa curiosidade e criatividade, e não “assassiná-la”. Para Carl Rogers (1985), o professor deve ser autêntico e verdadeiro.

Relato

29.10

Chegamos e percebemos uma movimentação estranha na escola. Grande parte das crianças estava do no gramado, resolvemos entrar e encontramos com a coordenadora, ela nos cumprimentou e perguntou por que estávamos sumidas. Afirmamos que não viemos por duas semanas, pois uma delas era feriado e a seguinte era a SEMEX e que inclusive tínhamos avisado sobre ela. Ela ficou um pouco sem ter o que falar e mudou de assunto dizendo que agora os alunos de Educação Física de uma faculdade particular (não lembro o nome) estavam fazendo atividades com as crianças e que elas estavam adorando o trabalho deles. A coordenadora continuou afirmando que eles eram muito dedicados e que iam todos os dias para lá, terminou dizendo: “para a escola é maravilhoso que tenham pessoas dedicadas assim, é o que precisamos para cobrir essa necessidade (pausa na fala) psicomotora da escola...”. Não sei se estou muito sensível (haha) ou o que ela falou foi realmente uma indireta para nós como se não fossemos todos os dias que nos propusemos a ir e não como se não tivéssemos interessados pela escola. Sentimos certo desprezo pelo trabalho que estamos fazendo, ainda que outros não valorizem nós sabemos a importância que ele tem, por esse motivo preferimos não falar nada e só concordamos que é bom ter mais pessoas ali conosco.

Seguimos para o lado de fora, apenas três crianças da nossa oficina estavam presentes naquele dia e todas fazendo uma atividade com os professores de Educação Física, fomos até eles explicamos o nosso caso e pedimos para que conversásemos com as integrantes da nossa oficina para que elas decidissem o que iriam fazer. Para nossa total alegria, as meninas quiseram ir para sala conosco mesmo com a deliciosa aula de Educação Física, eu achava que isso não seria possível, mas elas quiseram! (uhuuuuuL)

Fomos para a sala que é destinada a nossa oficina e uma das meninas começou a escrever em meu computador sua história de romance, enquanto a outra preferiu fazer desenhos. Depois surgiu a ideia da nossa desenhista fazer as figuras para a nossa escritora.

Análise

Acredito que assim como acontece com muitos professores, que pretendem exercer um trabalho diferente, também aconteceu conosco, sentimos certa opressão e desprezo por nosso trabalho. Lembrando-nos Carl Rogers (1985), novamente, pois

relata a história de um professor que praticava algo diferente, mas, que foi tão coagido pelos colegas de trabalho, que acabou desistindo de suas práticas.

Sentimos que o trabalho é difícil e árduo com a comunidade escolar, mas extremamente prazeroso com as crianças, fazendo tudo valer muito apenas. Elas mostravam seu interesse, e refletiam em atitudes o carinho que tinham em estarem junto conosco, mesmo tendo outros atrativos, que podiam escolher. Assim, nos sentíamos recompensadas.

Relato

05.11

Cheguei e fui recebida com muitos abraços e reclamações dizendo: “Poxa, como você demorou, era pra estar aqui uma hora! Até que enfim!”. Nossa oficina começa às 14h00min, mas fiquei feliz por saber que elas gostariam que estivéssemos antes. Nossa desenhista estava do lado de fora em uma atividade e não queria vir. Continuamos com nossas pesquisas, Jéssica foi buscar um livro de lendas enquanto a Mi escrevia em meu computador e a Da pesquisava sobre a história do skate no meu celular.

A mediadora Jéssica conseguiu achar o livro na biblioteca e entregou à Ma para pesquisarmos sobre lendas de terror. Ela tinha começado a escrever sobre o Lobisomem, sentia uma dificuldade imensa em não copiar. Eu dizia que era para ela escrever o que tinha entendido, as meninas questionaram-me o porquê de não poder copiar se a professora delas pedia para copiarem. Tentei explicar que copiando elas estariam só reproduzindo em vez de entender, pensar sobre e questionar. Estariam simplesmente imitando a fala dos outros, sem necessidade.

Análise

Mostrando às crianças, que elas devem fazer mais do que cópias. O educador José Pacheco (2012), afirma que as pesquisas não devem ser cópias. Estas devem conter a criticidade do pesquisador. Assim, precisam pensar a respeito de tudo que lêem e vêem. Dessa forma, motivamos a elas, exercerem a criatividade.

Relato

12/11

Ultimo dia

Hoje decidimos encerrar devido confusões com a escola. Infelizmente terminamos meio as pressas, mas acredito que as crianças entenderam o significado e o porquê da oficina.

Ao chegarmos à escola a sala que era reservada para a gente, estava sendo utilizada, então pedimos outra sala. Nos encaminhamos para sala, e sentamos todas bem perto. Começamos conversando e explicando o porquê de encerrarmos a oficina hoje, todas entenderam e então propusemos o término do livro que tinham começado. Todas resolveram ajudar na confecção do livro que antes era feito apenas por Milena. Então dividimos as tarefas. Thais: desenhava/pintava; Maria: pintava; Milena: escrevia e Daiane ajudava a escrever.

Ficamos conversando com elas enquanto faziam o livro sobre diversos assuntos e com o tempo um pouco corrido elas terminaram e pediram a cópia do livro. Então finalizamos fazendo uma pequena avaliação da oficina durante o semestre, pedindo para que elas colocassem aquilo que não tinham gostado pois todas só falaram que tinham gostado de tudo e então não colocaram nenhum ponto negativo, apenas que queriam que a gente chegasse mais cedo (12h) e que fossemos mais vezes para lá.

Análise:

Acredito que os pontos confusos do trabalho, com a escola foram surgiram, pelo fato de estarmos, inserindo uma nova proposta de aprendizagem e ensino, que ia de encontro à proposta existente, no pensamento de alguns. E mesmo enfrentando contrapontos, terminamos o trabalho, confiando naquilo que aprendemos e ensinamos.

Do nosso aprendizado, aplicamos o ensinamento à divisão de tarefas, o incentivo a tomada de decisões em conjunto, a, motivação à curiosidade e à criatividade. Também o despertar pelo interesse, e, o aprender a respeitar, e, sobretudo o ensino com significado, para uma educação significativa.

Essas questões foram trabalhadas durante todo o semestre, e tenho certeza que sementes foram plantadas, e creio que serão desenvolvidas e brotarão com o decorrer do tempo. Penso assim, tanto com relação aos educandos, como também aos educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que o presente trabalho, demonstra em seus objetivos, o responder a problematização vivenciada por mim, desde o início da vida escolar até o momento em que conheci, por meio do curso de pedagogia, as chamadas novas pedagogias, que têm relação com ensino e aprendizagem com significação, dentro da educação inovadora. Analisando na teoria, e experimentando na prática, convivendo na Oficina de Perguntas e Ideias, que faz parte do Projeto Dialogando com Experiências Educacionais Inovadoras, assim identificando características da educação com significado. Verificando seus principais aspectos e estudando suas perspectivas.

O estudo de questões fundamentais como a curiosidade e a criatividade, contribuíam para o desenvolvimento, e o entendimento desse tipo de educação, principalmente por identificar na prática esses elementos.

É importante lembrar que a proposta desse trabalho em sua pesquisa, não é fazer afirmativas, nem enaltecer a aprendizagem significativa, desqualificando as demais. Mas, apenas analisar o ensino e a aprendizagem significativa, tendo como foco as crianças da Escola Classe 209, na proposta da Oficina de Perguntas e Ideias.

Por meio de estudos, pesquisa, e experiências é possível entender que a aprendizagem com significado é fundamental para vida do estudante, e que sem o interesse, a curiosidade sobre os temas propostos, e o conhecimento prévio do professor a respeito das vivências do aluno, fica incompleto e mais complexo o aprendizado. Portanto, penso que cabe à escola proporcionar uma educação significativa, onde os alunos possam expor seus questionamentos, curiosidades, e investigá-las. Praticando a partir de seus interesses, sua criatividade, problematizando, e buscando soluções, pensando assim na diversidade de caminhos que podem obter para alcançar seus objetivos.

Concluo assim, mediante a investigação e a prática na Escola Classe 209 sul, que a educação significativa, está além da aprendizagem de conteúdos, e que pode proporcionar ao aluno uma dimensão de aprendizagens interessantes, e desafiadoras, em qualquer área de conhecimento. Todos tem a capacidade para alcançar autonomia, mas creio como apresentado durante o estudo, que para isso

os estímulos e oportunidades precisam ser dadas as crianças. Desse modo, poderão agir como agentes de suas próprias aprendizagens, valorizando suas histórias de vida, seus pensamentos, suas colocações, suas atitudes. E, os mediadores estarão assim, priorizando suas dúvidas, questionamentos, curiosidades, visionando seus interesses, e focando o desenvolvimento de sua criatividade. Entendo que dessa maneira, o indivíduo, terá a chance de conseguir uma aprendizagem mais adequada, da qual os conteúdos e condutas não são impostos. A criança aprende em conjunto, o respeito, a cooperação, a responsabilidade, a solidariedade, sem grande esforço de terceiros, sendo a educação trabalhada pelo grupo, acontecendo de forma natural, na sua vivência com os demais, aprendendo assim a exercer a autonomia. João Guimarães Rosa mostra que:

“O homem nasceu para aprender, aprender tanto quanto a vida lhe permita”.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao final de cada fase de nosso processo de aprendizagem, que geralmente coincidia com o final de semestre, dava-se início a novos questionamentos, às cobranças, e às dúvidas. O que é de se esperar, quando se refere ao aprendizado e escolhas. É inevitável, com a proximidade da finalização do curso, surgirem outros anseios, o que nos leva a análise de forma mais crítica de alguns projetos, e planos que foram traçados enquanto caminhávamos pela graduação.

Quando entrei para a faculdade de Educação, meus planos de início de curso não incluíam o ser professora, pois acho que os professores sofrem muito com a desvalorização profissional. Pensava em atuar em alguma empresa ou apenas concluir o ensino superior para passar em um concurso.

Porém, participar dos projetos propostos, e o aprendizado durante esses semestres, mostraram-me outro lado do ser professor, e assim pude entender melhor, porque muitos se apaixonam, pelo ensinar e aprender. Hoje tenho outra visão, e as experiências adquiridas durante esse tempo, provocaram em mim uma pretensiosa vontade pela transformação do ensino na forma existente. E o desejo, por um ensino mais significativo e autônomo, para nossas crianças. Isso foi crescendo em mim, a ponto de modificar o que pensava sobre a minha vida profissional.

Os projetos que tomei parte - “Dialogos com Experiências Educacionais Inovadoras”, as observações e o trabalho realizado na escola “Vivendo e Aprendendo”, e o estágio na Escola Classe 209 Sul, foram, com certeza, determinantes na minha identificação e decisão profissional.

Pretendo direcionar a minha escolha, ao trabalho em escolas, para repassar na prática o que aprendi na universidade. Também tenho a intenção de dar continuidade aos meus estudos na academia, para me aprofundar mais em minhas pesquisas.

Anseio aprender sempre mais, me atualizando, para repassar e multiplicar a aprendizagem. Sempre focada na área de pedagogia, pois creio que podemos fazer diferença, e influenciar melhorias, até no que diz respeito às políticas públicas para a educação, com os ensinamentos que recebemos. Porém, o meu grande sonho é construir uma escola, onde possa aplicar todos os princípios que aprendi e acredito serem válidos.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

LA TAILLE, Yves de; DANTAS, Heloysa de Lima; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

ROGERS, Carl. **Liberdade de Aprender em nossa década**. Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, Artes médicas, 1985.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. **A criatividade na escola: três direções de trabalho**. Brasília, v.8, n.15, jul/dez.2002, p.189-205.

HOYER, Alice Rodrigues. **A expressão da criatividade infantil em atividades lúdicas**. Brasília, UnB, 2010.

ARNOLD, Rosinha Meister; MARCOS, Silvio. **Criatividade no processo de aprendizagem**. FCEE

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários á educação do futuro**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2005.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades**. São Paulo, v.1, n.3, 1996.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. **A Pesquisa Participante e seus desdobramentos – experiências em Organizações Populares**. Belo Horizonte, UEM, 2004.

SITIOS ELETRONICOS

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf> (acesso dia 18/04/2013)

<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml> (acesso dia 18/04/2013)

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510332_07_cap_06.pdf (acesso dia 20/04/2013)

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhepesq.jsp?pesq=1808703911572925>
(acesso dia 03/05/2013)

<http://pt.wikiquote.org/wiki/Voltaire> (acesso dia 10/05/2013)

<http://pt.wikiquote.org/wiki/Arist%C3%B3teles> (acesso dia 10/05/2013)

<http://www.planetanews.com/news/2006/10507> (acesso dia 10/05/2013)

<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/planejamento-e-financiamento/escola-mata-curiosidade-425244.shtml> (acesso dia 10/05/2013)

<http://www.escoladaponte.pt/> (acesso dia 10/05/2013)

<http://www.youtube.com/watch?v=mxCPK0mRqC8> (acesso dia 10/05/2013)

APÊNDICES

• VIDEO

www.youtube.com/watch?v=SJUtzocbN5w

• DIARIOS DE BORDO

Resumo do planejamento

14h30: Roda de conversa: - O que esperam da Oficina? O que precisamos para que ela aconteça (combinados) - eu, grupo, mediadores ? (30 min)

15h: Retomar o que eles gostariam de Descobrir OU Curiosidades

* Como escolher? Votação ou escolha livre? Temos que formar grupos. (30min)

15h30min :

Dentro do grupo: Etapas do Projeto:

O QUE?: escolhido.

PORQUE?: Por que escolhi sobre isso...

Hipóteses sobre o que escolhi...

COMO? Como irei descobrir sobre isso...

- O que vamos precisar para saber mais sobre esse assunto?
- · Em que momento iremos fazer isso?
- · Responsáveis?

Próxima reunião: Definir o que cada um no grupo tem que pesquisar ou trazer para próxima semana.

16h:

GRUPÃO: 1)O que "Gostei" do dia na Oficina / O que não "Gostei" do dia na Oficina; (grudar na parede)

Oficina das Perguntas e ideias

Mediadoras: Rafa, Jeh e Andrea

Visitante: Valéria

Estudantes: V. T. R. JC. B. F. M.

Antes de começarmos as oficinas os monitores avisaram que muitas crianças não estavam em nenhuma oficina, pois não participaram da semana de escolha. Por isso uma representante de cada oficina passou nas salas e falou um pouco da oficina, também deixaram as crianças mudarem de oficina caso desejasse.

Ficamos com 7 crianças, sendo duas novas e cinco do primeiro dia. Arrumamos a sala com grupos de quatro mesas(ou mais) e cadeiras nas laterais e um grande espaço no meio para nos reunirmos em círculo e fazer outras atividades no grupão.

Pedimos que as crianças ficassem em círculo nas cadeiras (já que não gostam de sentar no chão) e se apresentassem. As crianças antigas avisaram que já tinham se conhecido, avisei que seria legal nos apresentar para os novos colegas e os

conhecer melhor. Pedi que cada um falasse seu nome e o que cada um gostava de fazer.

Respostas: Desenhos, videogame, travessuras, França, brincar (MENINAS, COMPLETEM COM O QUE VOCÊS LEMBRAREM – DEI mole de não anotar para utilizarmos futuramente)

Durante a atividade sempre tinha duas crianças (J.C e V.) que começavam a falar enquanto outra criança estava falando. Duas crianças sempre reclamavam do colega não deixar ninguém terminar de falar. Por isso resolvemos fazer um combinado com o grupo, perguntamos o que podíamos fazer para isso não acontecer. T. e o F. deram a ideia de que sempre que alguém quisesse falar levantasse a mão. Combinamos isso com o pessoal e perguntamos se eles estavam de acordo, todos aceitaram, porém os meninos sempre atrapalhavam os diálogos do círculo. Quando atrapalhavam a gente sempre tentava retomar o combinado. (TEMOS QUE PENSAR COMO MOSTRAR QUE ELES NÃO SE ESCUTAM, QUE FICAM ATRAPALHANDO A FALA DO COLEGA – pensar alguma brincadeira)

No círculo pedi que as crianças que estavam na última oficina falassem o que tinham feito, elas falaram e a partir disso voltamos às questões que elas gostariam de saber mais.

O R.V. e J.C. Sempre dispersavam e por isso pedi ajuda de dois deles para distribuir o material aos colegas. A Andrea ficou mais próxima do J.C e fez uma atividade mais individual com ele em certo momento (Andrea, nos conte mais sobre isso)

Resolvemos escrever no quadro as questões e pedimos que cada criança desse sua hipótese de resposta em uma folha. T. pediu para escrever no quadro as perguntas e eu deixei, todas as crianças resolveram escrever no quadro também e se levantaram para ajudar. Alguns começaram a querer desenhar no quadro. Falamos para todos voltarem ao círculo e deixamos só a T. escrevendo as perguntas no quadro que cada um escreveria as suas hipóteses no papel.

Algumas crianças saíram da roda e sentaram nos grupos, perguntei se preferiam na roda ou nos grupos de mesa, F. falou que cada um deveria sentar onde quisesse, então deixamos assim.

Lemos as perguntas e alguns foram respondendo no papel. O pessoal da mesa (B.F.M.) começou a se dispersar para ajudar a B. em um desenho, sempre questionávamos qual a hipótese deles para as perguntas, respondiam e diziam que estavam fazendo também. (Depois descobrimos com outras oficinairas que a B. sempre para de fazer a oficina para ficar desenhando, os F. M. estavam na atividade até que ela começou a dispersar. Como fazer para deixá-la mais interessada na atividade e fazer os meninos também ficarem?!)

Durante as respostas percebemos o grupo muito interessado na pergunta sobre o Sol e a Lua. Foi o sinal para continuarmos nela, perguntamos sobre o Sol, Lua, Terra, onde ficavam e várias coisas relacionadas. Todos participaram menos o (R. que resolveu não participar da atividade e ficar brincando de carrinho em frente a sala e o F. que a mãe buscou, B. participava timidamente respondendo nossas questões). Fizemos teatro sobre os movimentos do Sol, Lua e a Terra no sistema solar.

Decidimos pesquisar mais sobre o SISTEMA SOLAR e fazer uma maquete depois. Então falamos ao grupo o que gostariam de saber mais sobre o sistema solar.

Fomos anotando algumas perguntas no quadro e depois pedimos que cada um escolhesse uma para perguntar aos familiares, pesquisar na internet e livros.

Pedimos que cada um escrevesse sua pergunta no papel que distribuimos no começo da oficina ou no seu próprio caderno. Ao J.C. Pedimos que desenhasse, pois

tem dificuldade para escrever. Encerramos a oficina perguntando o que cada um “Gostou” e o que cada um “não gostou” para gente melhorar.

Percebemos que eles têm dificuldade em falar o que gostam e não gostam, a maioria falou que não “não gostou” de nada e que gostou de tudo.

Ao final da atividade o V. ficou triste e calado na cadeira, pois não o deixei ficar desenhando no quadro enquanto estava escrevendo as questões sobre o sistema solar. Falei que como tinha falado, ele iria desenhar no final da oficina e que naquele momento já podia desenhar. Acho que ele percebeu que todas as mediadoras ficaram perguntando o que tinha acontecido e acabou querendo um pouco mais de atenção.

Algumas questões levantadas foram conversadas no momento: A questão de fazer silêncio quando outra pessoa estiver falando, eles pediram para que falássemos “1,2,3 aplausos (bate –palma junto)” , mas acho que isso não é o que queremos na oficina. Também falaram de levantar a mão para falar. Decidimos que no final da oficina sempre terá um momento para cada um apresentar uma brincadeira para todos brincarem.

Recebemos três colegas da oficina de Histórias que brincaram com as crianças no final.

Durante o momento de lanche, no meio da oficina a Luciana passou por um grupo de Mediadoras e falou que gostaria de conversar conosco sobre as oficinas, falou que isso era uma função da Vera, mas que ela está de atestado.

Ao final das oficinas todas as mediadoras se encontraram no refeitório para esperar a Luciana, aproveitamos e compartilhamos um pouco do dia, acho que foi um momento bem legal e devemos fazer isso sempre. Infelizmente não conseguimos conversar muito, pois a Luciana não chegou então fomos atrás dela na sala.

Avisou para todas que a Vera estava de licença médica e ponderou sobre o fato de ficar mais difícil o interesse nas atividades de crianças com faixa etária diferente. Também avisou que não haverá aula na 2ª e 3ª feira da semana que vem nos apresentou a Débora e avisou que tudo que precisássemos era para entrar em contato com ela, pois o horário que chegamos à escola, falou de um grupo de 10 alunos que fazem aula de Italiano e chegam à escola às 15h, nos avisou que eles podem entrar na oficina ou não, se assim desejarem. No decorrer da oficina um monitor (Olavo) sempre passava nos oferecendo material e nos dando dica de mapeamento da sala.

Algumas questões: Como deixar a oficina mais dinâmica?! Como fazer para que eles respeitem o combinado por eles propostos? Como trazer para oficina todos os envolvidos? Os monitores ficaram ao lado de fora o tempo todo, como nos unir aos monitores? De repente podemos focar em um fato que queremos na oficina(respeitar a fala do outro) até que achamos que está avançando. Levar mais imagens.

14/05/12

Oficina: Perguntas e ideias

Jéssica Carvalho

Rafaella Cerveira

Quando cheguei a sala o grupo já estava pensando a rotina do dia com a Jéssica. Thaís escrevia no quadro o que a turma decidia para o dia.

Rotina:

+pesquisa na informática sobre Dinossauros;

- +Discussão sobre o assunto;
- + Desenho;
- + Brincadeira apresentada por um dos educandos;
- + Roda de conversa sobre o dia.

Durante a elaboração da rotina três educando olhando uma revista e não se importavam com as decisões dos outros colegas de turma. Perguntamos se eles queriam participar, disseram que não. Durante as decisões da rotina dois educandos começaram a brigar. Enquanto a Jéssica acabava de montar a rotina com os outros educandos fui conversar com os que estavam brigando.

Sentei os dois comigo, quando se acalmaram e perguntei se cada um deles gostava de bater , um disse que sim e o outro disse que não. Depois perguntei se gostavam de apanhar, um disse que sim e outro disse que não. Avisei para o que gostava de bater e apanhar que se ele gostava nós iríamos avisar para turma e todos poderiam então bater nele. Pedi para o colega que avisou que não gostava de bater nem de apanhar falar isso para o colega que gostava de bater e apanhar, falei também que a gente não deve fazer com outras brincadeiras e atitudes que os outros não gostam. O colega disse que só iria bater no outro colega quando ele quisesse e que se outra pessoa batesse no colega que não gostava ele iria defender. Pedi que antes de bater ele conversasse com o colega como eu estava fazendo com ele.

Fomos a sala de informática para as crianças pesquisarem na internet sobre Dinossauros, o monitor Olavo ficou conosco durante todo o momento na sala de informática e a coordenadora do integral ficou um tempo também. O Olavo nos ajudou em vários momentos, lembrou as crianças sobre o modo que deveriam utilizar a sala de informática. Durante a oficina nos ajudou a tirar dúvidas com as crianças de como pesquisar e utilizar a internet, também arrumava fones e outras materiais para oficina. A Clecí , coordenadora do integral, arrumou com o Olavo uma quadro branco para nos organizarmos durante a oficina.

Combinamos com o pessoal que todos deveriam pesquisar sobre o assunto que tínhamos definido: Dinossauros. Era um assunto que eles gostaram durante a pesquisa no livro na última oficina.

Na sala de informática algumas crianças pediram para jogar e pesquisar sobre outras coisas, falamos com elas que tínhamos combinado na sala outro assunto e que no momento era isso que deveríamos fazer. Todos pesquisaram sobre o assunto por meio de vídeos que acharam na web. Durante a oficina colocamos quatro perguntas sobre o tema: 1) O que são? 2) Onde viviam? 3) O que comiam? 4) Quando morreram?

Durante o momento que ficamos na sala de informática íamos perguntamos outras coisas sobre dinossauros e as crianças ficavam nos contando sobre o que vivam nos vídeos. Na sala de informática o Olavo quando queria conversar com as crianças ou contava até 3 e batia palma ou pedia para todos olharem para ele, todas as crianças o chamava de Tio Olavo.

Sempre que as crianças nos chamavam de Tia pedíamos que falassem o nosso nome no lugar, “o meu nome é Rafaella e o dela é Jéssica quando vocês precisarem falar conosco, nos chamem assim, tudo bem Filipe?” e assim repetíamos isso em todos os momentos que nos chamavam de Tia.

Durante o momento na informática o Olavo nos perguntou sobre quando tínhamos reuniões para definir as atividades da turma, quando o grupo de educadores da UnB se reuniam, quantos éramos, as atividades que fazíamos na escola e outras coisas, estava bem interessado e depois falou com a Clecí de juntarmos todos os educadores da UnB com os monitores para pensarmos as oficinas de todos juntos.

Percebemos também, nesse momento da pesquisa na sala de informática, que o Tio Olavo conversava com eles e pedia atenção e uma forma que nós não fazemos no nosso espaço de oficina, o que fazer em relação a isso?! Será que sentamos com o Olavo e propomos como trabalhar com as crianças?! Algo a pensar ... Pois se queremos uma escola única, as atitudes devem ser únicas. Também me vi sentando na mesa umas duas vezes, só lembrava do pessoal reclamando na reunião geral hehe

Na pesquisa sobre os Dinossauros teve o momento do intervalo e a Tia Luana chegou e pediu que todos fizessem uma fila para irem ao lanche. No momento do lanche todos estavam juntos em uma das mesas lanchando. A Tia Luana chegou e pediu que todos formassem uma fila para voltar a sala, falei que tudo bem, com o pessoal da minha oficina eu cuidava da volta a sala. Sentei na mesa com eles e perguntei se já estavam acabando, todos disseram que sim. Questionei se todos sabiam onde era a sala de informática, disseram que sim. Perguntei se eles conseguiam ir para sala sem bagunçar a escola ou precisavam ir em fila? Falaram que conseguiam ir sem precisar da fila. Como a nossa turma é um grupo pequeno todos foram tranquilamente.

Voltamos a sala com a turma um pouco reduzida, pois os pais vão chegando e buscando as crianças.

Os meninos que brigaram no começo do dia voltaram a correr na sala, se jogar e rolar no chão, apenas falamos que as mães deles não iriam gostar muito de ver a roupa toda suja e quando começaram a brigar no CHÃO pedíamos que se sentassem para começarmos a atividade de acordo com a rotina. Eles continuavam se batendo, até que a gente teve que separar e perguntar por que estavam se batendo e eles falaram que iam parar, então saíram correndo para fora da sala. Fui na porta e falei que a Oficina era dentro da sala e que eles escolheram que iram fazer a oficina então deveriam voltar para sala, um dos meninos voltou e outro falou que não iria voltar (testando a rafinha mode on). Levei um susto olhei para cara dele e disse Ahh então você não vai voltar à sala? Ele: não! Eu: Tem certeza que a sua última decisão será essa? Todos na oficina e você aqui fora? Ele: tenho! Eu: então é essa última resposta? Ele: não, eu vou voltar(simplesmente assim!). Fico pensando o que teria feito se ele não quisesse voltar?! Tenho certeza que ele tava me testando... Mas como reagir com essa questão do Limite-autoridade-autonomia-responsabilidade... Tô pensando sobre isso. Entrou sentou e pegou um papel para começarmos a atividade.

Com todos sentados demos papel e lápis de cor, pedimos que desenhassem sobre uma cena que gostaram ou algo que descobriram durante a pesquisa na sala de informática. Durante o desenho fizemos voltamos a perguntas iniciais e outras perguntas sobre os dinossauros, quem soubesse ou quisesse responder deveria levantar a mão... Alguns falaram ao mesmo tempo, falavam com a mão levantada e

levantam a mão para levantar. Quando falavam ao mesmo tempo avisávamos que não entendíamos nada ou pedíamos para alguma das crianças nos explicar o que eles falaram e ela falava que não entendiam nada. Quem levanta a mão e fala a gente avisava que deveria levantar a mão para depois darmos a palavra. E foi isso até que todos desenhassem e acabássemos as perguntas sobre os dinossauros.

Os meninos mais uma vez, voltaram a se bater e pedíamos para eles voltarem a oficina pois para a turma brincar, todos deveriam participar. Perderam o foco e voltavam e corriam e voltavam e se beliscavam e voltavam. Começamos a brincadeira de viúva quando a mãe da educando chegou e a levou embora. Resolvemos brincar de dança das cadeiras. Um dos meninos que ficou se batendo foi para final da brincadeira com uma colega, mas ele não parava de implicar e sentou na cadeira, a menina pegou outra cadeira e avisou que ele não estava mas na final porque ele não brincava direito como todo mundo, disse que o último a sair antes dele seria o finalista, os outros que estavam na brincadeira concordaram e assim colocamos a música e a brincadeira chegou ao final. Não nos metemos, pois foi achamos interessante a forma que decidiram, foi uma decisão coletiva, apesar do menino não ter gostado de ter saído da brincadeira.

Ele chegou ao meu lado para esperar a brincadeira acabar, perguntei porque ele tinha feito aquilo, ele disse que não iria ganhar a brincadeira pois era menor, mostrei que ele já tinha chegado a final e tirado outros colegas maiores, mas que na brincadeira a gente pode ganhar ou perder e isso todo mundo já sabia quando entrou para brincar.

Pedimos que todos sentassem na cadeira para encerramos a atividade, alguns educandos de outras oficinas iam à nossa sala avisar que já estava na hora de ir embora, avisamos que já íamos terminar a atividade. No final da oficina conversamos com a turma toda que restou rapidamente, pois os pais deles estavam chegando. Dois ficaram até o final, os dois que estavam se batendo e voltaram a se bater em um misto de brincadeira que acabava virando coisa séria. Os sentei ao meio lado e da Jéssica e perguntei olhando fixamente e meio com a voz bem séria(ou meia séria)Por que estavam brigando tanto? Não lembro muito bem o que disseram, mas um deles disse que o outro o irritava muito e por isso ia e batia, disse que ficar irritado não era desculpa. Disse que estava muito irritada com eles e não estava batendo neles, estava conversando. Falei que o melhor jeito de acabar com a irritação ou sentimentos de raiva e falando sobre isso, então sempre que eles tivessem com raiva ou irritados no lugar de bater era para eles me chamarem ou a Tia Jéssica (Sim, cometi esse ato falho e chamei a Jéssica de Tia! Ela me avisou depois que sentaríamos e eles fariam do que não gostaram que o outro coleguinha fez e tentaríamos melhorar(foi uma tentativa do não gostei...Mas foi meio um não gostei... Tenho que melhorar esse não gostei hehe). Um deles falou, muito sinceramente, que iria tentar, mas as vezes a raiva era tão grande que não conseguia parar para pensar nisso. Eles ficaram sérios nos deram tchau e foram arrumar a mochila. Como percebi que só falei a parte ruim deles no dia, fui em cada um avisei que gostei muito deles terem participado da pesquisa na sala de informática e dei um abraço em cada, depois perguntamos se gostariam de nos ajudar a arrumar a sala e os dois toparam e nos ajudaram. Agradei no final com um abraço em cada um.

Quando conversamos sobre o dia, os meninos que não participaram da decisão da rotina nos falaram que não gostou de algumas coisas, pois gostariam de ter feito outra coisa. A Jéssica os lembrou que tivemos no começo da tarde a decisão coletiva de o que fazer e eles que não quiseram participar. Os lembrou para participarem desse momento para decidirem a rotina na próxima semana.

Mudamos um pouco a concepção inicial da oficina, iremos fazer pesquisas em cada dia sobre um novo assunto e concordamos em trabalhar com eles primeiro algumas questões: as professoras não são as tias, montar a própria rotina da turma; escutar o colega; respeitar os combinados e tentar focar nesses combinados.

21/05/2012

Oficina : Perguntas e Ideias

Jéssica Carvalho

Rafaella Cerveira

A Jéssica estava com as crianças na sala quando cheguei. Estávamos entre 15-20 crianças.

Todas estavam conversando, algumas gritando ,correndo pela sala e pegando alguns materiais. Perguntamos quem já estava na oficina nos outros dias, os que estavam levantaram a mão. Perguntamos se eles lembravam o que tínhamos combinado na nossa turma, quando tentavam levantar a mão ou falar, as crianças que não eram da oficina começavam a gritar ou levantar para ir falar pessoalmente com a gente.

Pedimos silêncio e perguntamos quem realmente era da oficina, levantaram a mão. Pedimos que ficassem em pé. Depois perguntamos quem realmente queria participar e ficar na Oficina.

As crianças perguntaram se alguém iria brigar com elas caso saíssem da oficina, avisamos que ninguém iria brigar. Algumas crianças falaram que iriam contar para os monitores que as crianças estavam saindo da oficina, avisamos que não precisava contar, pois só precisavam ficar na oficina quem quisesse realmente participar.

Esse momento foi muito tenso, estávamos querendo gritar com eles para ficarem quietos e escutarem a gente, mas como sentimos que muitas crianças não queriam contribuir para a oficina achamos melhor perguntar primeiro quem queria ficar. Confesso que rolou aquela dúvida: “Será que alguém vai ficar? Vão todos embora”. Fiquei feliz quando o nosso grupo ficou.

7 crianças ficaram na oficina e assim conseguimos dar prosseguimento aos trabalhos (Ufa!). Lembramos que iríamos fazer a rotina do dia de acordo com as necessidades do coletivo, quem quisesse falar deveria levantar a mão, como decido por eles, para todos escutarem as decisões. Lembramos, mais uma vez, que nos chamávamos Rafaella e Jéssica.

No começo umas crianças queriam brincar, outras queriam pesquisar, outras queriam correr, outras queriam jogar no computador e outras não queriam nada. Um grupo resolveu brincar de quebra-cabeça, outro queria pesquisar na informática.

Pedimos para cada criança descrever o que poderíamos fazer no dia, cada um foi falando, às vezes alguma criança interrompia a fala do colega e a gente falava: “calma, vai chegar a sua vez, mas temos que escutar o colega para saber os interesses, vai que ele quer fazer a mesma coisa que você” ou pedíamos para lembrarem de levantar a mão.

Quando as crianças acabaram de falar todas as ideias, a Jéssica pediu a palavra e deu uma sugestão com as ideias levantadas pelo grupo que agradou a todos:

Rotina

- 1– Pesquisa na sala de informática – Dessa vez cada pessoa poderia pesquisar sobre o que quisesse
- 2 – Jogos no computador
- 3 – Falar ao grupo sobre o que pesquisou
- 4 – Brincadeira
- 5 – Conversa sobre o dia

Todos gostaram e então cada criança começou a pensar sobre o que iria pesquisar.

O caso do Gabriel: O Gabriel entrou hoje na oficina. Antes de entrar na sala fiquei conversando com a Thais ao lado de fora da sala para saber por que ela não queria entrar na oficina. Ela disse que o Gabriel iria atrapalhar que ele dava muito trabalho e várias outras coisas, ao lado de fora também estavam outras crianças que não eram da nossa oficina e ficaram me avisando como o Gabriel é problemático. Dentro do espaço da oficina o Gabriel se mostrou completamente diferente, respeitava a fala de todos, dava opinião, focava nos momentos da atividade. Contribuiu muito em todas as atividades. Inclusive ao final da oficina falei que ele tinha enriquecido a nossa tarde, outra criança também disse que ele era muito inteligente e tinha ajudado, só que na sala (turma da manhã) era muito conversador. Ele deu um riso feliz.

Pedi em uma folha de papel que uma das crianças colocasse o nome de todo mundo que estava presente. Quem já havia decidido o tema de pesquisa escrevia no papel o seu nome, o tema escolhido e o que pesquisaria sobre o tema. Os que não sabiam escrever muito bem, pediram a nossa ajuda.

Os grupos de pesquisa foram formados:

A - Gabriel e Felipe : Tema – “Quebra-cabeça” Quem inventou o quebra-cabeça? O dia? Quem mais joga?

B - Alice e Carlos Eduardo: Tema – “Água” Para que serve? Onde tem? Esportes?

C - Marcus, Beatriz e Thaís: Tema – “Vampiros” Como viram vampiros? Como eles morrem? São maus? Existem?

Estipulamos um tempo para cada atividade e todos foram à sala de informática.

Quando chegamos já havia várias crianças na sala, o Olavo arrumou 4 computadores para o nosso grupo. Alguns sentaram em grupo e o grupo da Água sentou separado. Durante a pesquisa eles pediam ajuda da “Tia”, mas sempre lembrávamos o nosso nome. Na sala de informática encontramos o Gutenberg que

estava na nossa oficina do dia 14 e ele perguntou se podia pesquisar sobre a água e ficar conosco, falamos que sim. O Gabriel e o Felipe pediram um papel para anotar o que estavam pesquisando, entregamos para cada grupo um papel, lápis e borracha para anotarem sobre a pesquisa que estavam fazendo.

O Olavo nos ajudou e as crianças sempre faziam o que ele pedia, não sei ainda se é medo ou respeito. Mas elas fazem o que ele “manda”. Durante o momento da informática, ele me falou que um jeito de todas as crianças aprenderem logo o nosso nome era dizer: ou vocês aprendem ou não levamos mais vocês na informática! Conversei com ele que não era bem assim, que sabíamos que muitas nos chamavam de Tia exatamente para não precisar nos chamar pelo nome, todo mundo era Tia ou Tio e pronto, isso acaba com a individualidade de cada professor, assim como chamar todos de crianças ou alunos... Que estávamos tentando mostrar que a professora Rafaella e a professora Jéssica possuem individualidades que uma Tia deles ou outros professores não possuem. Também conversei sobre a punição “não levar mais na informática”, o nosso objetivo não era punir, mas refletir com eles essa questão da individualidade que nós e eles possuem... E que punir apenas não era o objetivo. Ele falou que realmente, nem ele lembrava o nome das pessoas. Mas ele sempre nos ajuda bastante na informática.

Foram ao lanche, voltaram e deixamos mais 20 minutos para jogos online. Quando o tempo acabou avisamos que iríamos voltar a sala para continuar com a rotina que planejamos, as crianças queriam ficar, falaram que não tinham conseguido jogar direito no momento do Jogos online. Conversamos que já tínhamos estipulado um tempo com eles, e tínhamos combinado com o grupo a rotina do dia. O Olavo também falou com eles, explicando que nós, as professoras, decidimos com eles as atividades, mas tinham que respeitar o acordo.

Fomos para sala e como tínhamos pouco tempo e ainda tínhamos que discutir sobre a pesquisa e desenvolver uma brincadeira, resolveram unir as duas coisas. Fomos para o pátio do colégio e fizemos uma brincadeira de corrida com perguntas sobre os temas. Durante a brincadeira outras meninas quiseram participar e nós (Eu e Jéssica) autorizamos (*Da próxima vez a gente abre a discussão para o grupo de criança*). Na fila um dos meninos começou a brigar com elas, então elas saíram da brincadeira. Perguntei o motivo dele ter sido agressivo com as meninas, contou que elas não eram da oficina e deviam sair. Avisei que a oficina era da escola e todo mundo poderia participar, também contei que elas tinham pedido para participar e havíamos deixado. Ele disse que não sabia, perguntei o que podíamos fazer agora que as meninas tinham saído, ele disse para gente ir lá chama-las de volta. Fomos atrás das meninas e outras crianças da oficina foram conosco. Ele pediu desculpa para as meninas, mas elas não quiseram voltar. Voltamos a brincadeira de perguntas e respostas, mas o horário já estava acabando, resolvemos voltar a sala para conversar com eles para libera-los.

Fizemos uma roda e pedimos para cada criança falar mais sobre o que tinham pesquisado. Alguns falaram que não conseguiram pesquisar, que só encontraram imagens, que ficaram com medo... Que pesquisou pouca coisa, mas foram falando sobre o que descobriram e dificuldades durante o tempo de pesquisa. *Percebemos com as crianças que já sabem ler e escrever tem uma autonomia maior no momento de pesquisa.*

Perguntamos sobre o que tinham gostado e o que poderíamos melhorar na oficina. Reclamaram sobre a demora de todos focarem para fazer a rotina e por isso terem menos tempo em cada atividade.

03/09

As crianças estavam no pátio e então fizemos a exposição sobre as oficinas e conforme as suas escolhas elas iam se encaminhando para suas respectivas salas. Muitos alunos escolheram nossa oficina porém nem todos queriam estar ali. Perguntamos quem realmente gostaria de estar lá e então o número foi reduzido pela metade. Ficamos com as crianças que ficaram. Daí fizemos uma roda e começamos as apresentações individuais. O que gostavam/não gostavam e enquanto isso a Dani ia anotando e as meninas apelidaram de folha secreta. Pois estavam contando seus segredos e por ter muitos elementos na escola que elas não gostavam, a gente resolveu fazer um cartaz. No cartaz eles escreveram que o que não gostavam na escola era de ficar trancados, de brigar, dos chingamentos, da maioria das refeições, da como de ser tratados, da sala abafada, de não ter brinquedos, do bebedouro, de algumas professoras, da falta de respeito dos alunos e professores, do recreio junto e das preferências de algumas salas.

10/09

Novas crianças entraram no grupo e algumas saíram. As crianças novas se apresentaram e mediamos um conflito entre dois alunos, o que nos rendeu muito tempo da oficina, porém, proveitoso! A turma inteira se pronunciava tentando resolver o problema. Depois uma das crianças sugeriu que fizéssemos as regras, porém perguntamos se ao invés de regras não era melhor fazer algo como um combinado em que todos podiam opinar e não uma coisa impositiva. Então fizemos outro cartaz com os combinados. Era sugerido o combinado por alguém da turma e se todos concordassem colocavam no cartaz. Algumas crianças apresentaram o cartaz e depois eles pediram para brincar. Então fomos brincar de queima senta.

17/09

Reunimo-nos, iniciamos uma conversa dentro da nossa sala e decidimos começar a pesquisar para montar nosso livro. Fui até a sala de informática para iniciar nossa pesquisa, lá estavam reunidos os alunos do segundo ano brincando com os joguinhos on-line. Pedi a Clecy que nos cedesse três computadores. Ela pediu pra esperar um pouco e nos deu. Pedi a ela para que, se fosse possível, toda a segunda feira reservasse dois ou três computadores para a oficina de perguntas e ideias. Ela concordou com o combinado. Trouxe as crianças que se dividiram em dois grupos de pesquisa: lendas de terror e moda.

Pesquisamos, as meninas da moda focaram no jeans. Descobriram que ele era um tecido usado como lona, e que por necessidade dos mineiros usarem tecidos mais resistentes o jeans passa a ser usado para fabricar calças para os mineiros. As meninas do livro: lendas de terror. Pesquisaram sobre algumas lendas de terror que contaram para nós no final da oficina e as da moda também socializaram para turma o que tinha aprendido.

24.09

Reunimo-nos e dois meninos pediram pra participar, enquanto os novatos da semana retrasada não vieram na passada e nem hoje tinham aparecido. Deixamos

que eles entrassem, pedimos para escolherem um tema de pesquisa e, juntos, decidiram pesquisar sobre videogames.

Falei que nós iríamos para o sala de informática pesquisar, mas as meninas não queriam e pediram para que nós fizéssemos a capa do nosso trabalho. Todos concordaram.

Fomos para o pátio que fica perto da biblioteca e da sala dos professores, pois o barulho da capoeira era um tanto quanto alto. Pedimos cartolina e tinta para uma moça que nos cedeu. Começamos nossa arte. Algumas crianças da escola gostaram da brincadeira com tinta e fizeram um desenho para elas também.

Foram quatro capas: moda, histórias de romance, primavera e vídeo game. Encerramos a oficina brincando do lado de fora a pedido dos meninos.

Chegando lá fora fiquei tensa com a cena que vi. Existia um número muito elevado de crianças no gramado e apenas um monitor sentado no meio de uma roda de crianças cantando, sua posição não dava a possibilidade de ver o que se passava com o restante dos meninos. Estavam espalhados por toda a extensão do local alguns muito longe, tão longe que não ouviam meu chamado. Fui até lá pedi para que eles se aproximassem mais do grupo, mas estavam entretidos com um cupinzeiro. Por sorte, o tempo acabou e eles voltaram para escola para irem pra casa.

01.10

Cheguei e uma das meninas veio até mim e me deu um abraço muito receptivo. Fui até a sala com ela, pedi para que me ajudasse a chamar o restante do grupo, aos poucos nos juntamos em roda. Conversamos e fomos até a informática, Clecy disse para eu esperar, pois ela teria que negociar com algumas crianças para liberar dois computadores para nós.

Depois de alguns minutos ela nos cedeu os computadores. Vera se aproximou de nós pedindo a folha de presença. Contudo, nós não tínhamos passado a limpo ela, pois muitas crianças chegavam e iam embora, anotávamos em outra folha quem estava na oficina, mas naquele dia não estávamos com a folha original. Ninguém nos avisou que teríamos que entregá-la naquele dia. Vera afirmou que precisava ser entregue hoje juntamente com a outra folha sobre quais atividades eram feitas. Perguntamos se ela tinha outra folha daquelas em branco para que nós fizéssemos ali mesmo. Ela disse que iria procurar e depois conseguiu arranja-las para nós.

Enquanto eu estava na informática com as crianças, a Jé tentava conversar com uma das meninas que não queria fazer nada. Jé afirmou que ela não podia não fazer nada, pois se estávamos ali tínhamos que fazer algo.

Depois do intervalo voltamos para a sala e quando eu ou a Jé falamos com ela, ela não respondia. Começou a arrumar suas coisas pela sala sem dar uma palavra conosco. Nós a questionávamos por que estava fazendo aquilo, mas ela não respondia. Perguntávamos se ela queria sair da oficina e nenhuma resposta obtivemos. Levamos o questionamento para turma, falei que não estava gostando da atitude dela. Questionei sobre o respeito, que quando tínhamos respeito por alguém nós respondíamos, olhávamos nos olhos e falávamos o que estava ocorrendo. Ela tinha o direito de estar chateada, mas nós queríamos saber o porquê e ficando calada não resolveria a situação. Perguntamos para a turma o que podíamos fazer, uma das meninas disse que ela podia ficar na oficina se mudasse a atitude dela, porque dessa forma estava difícil. Nós concordamos. A menina saiu da sala, e perguntamos novamente se ela estava saindo da oficina e não tivemos resposta. Depois que ela saiu eu pedi ao grupo que quando eles estiverem

chateados com algo para falarem com a gente, por que nós tentaremos mudar, resolver, fazer acordos, o que for preciso, pois nós levamos em conta a opinião deles.

Uma das meninas pediu para ir conversar com a que tinha saído. Quando voltou ela disse para mim que a Mi estava chateada com a Jé, mas que queria conversar comigo. Fui até ela e conversamos. Questionei por que estava chateada, ela disse que não se lembrava, eu perguntei por que tinha feito aquilo se nem ao menos lembrava o porquê. Ela disse que ficava com muita raiva facilmente, pois a mãe dela era assim também, que a batia por qualquer coisa e era muito nervosa. Eu disse que a mãe dela não pode bater nela assim e que se ela não acha legal quando a mãe fica com raiva então ela tinha que tentar ter autocontrole da própria raiva também. Não deixar se dominar por esse e sim tentar controlar o que sentia pelos outros.

Ela disse que iria tentar, afirmou (chorando) que para ela era difícil que por ser negra poucos colegas falavam com ela, e que alguns meninos se referiam a ela como macaca. Eu disse que isso era coisa séria, por que racismo é crime e que quando acontecesse ela tinha que levar para a coordenação. Ela afirmou que não adiantava nada, que os meninos diziam que ela os chamava de macaco branco e ficava por isso mesmo. Eu disse que ela deveria ter calma nesse momento tentar se controlar para eles não terem argumentos. Falei para que se isso ocorresse da próxima vez, para que ela dissesse que não gosta de ser chamada assim, que isso é racismo e que exigia respeito, mas que para isso ela também teria que respeitar os meninos. E por fim levar até a coordenação e falar comigo também. Depois disse a ela que a cor da pele dela era linda, que eu achava tão linda que o meu namorado também era um belo negro, assim como ela, mas que a cor da nossa pele pouco importava. Todos nós merecemos respeito e devemos respeito aos outros.

Perguntei o que ela tinha que fazer agora, ela afirmou: pedir desculpas. Fomos até a sala e estavam todos em roda, a Mi pediu desculpa e a Jé lhe pediu um abraço.

08.10

Chegamos e as meninas já estavam dentro da nossa sala brincando de casinha. Conversamos um pouco e eu fui até a sala da Clecy pedir três computadores de acordo com o nosso combinado das segundas. Porém, Clecy disse que não teria como nos ceder porque as crianças tinham ido reclamar com a Vera por ela estar deixando os “grandes” usarem os computadores no dia que é a vez deles.

Eu não tiro a razão das crianças, sei que elas ficam encantadas pelos jogos, e torcem para chegar o dia de usar os computadores. No entanto, nós não estamos pedindo para usar três computadores para jogar on-line, nós temos um intuito de aprendizagem, reflexão, descobertas. Acho que a Vera desconsiderou esse fato. Nossas oficinas não são para tomar o tempo das crianças, nós visamos a construção da autonomia, o respeito ao próximo e a formação de um pensamento mais crítico e reflexivo. Estamos ali tentando realizar um papel que é da escola por que ela mesma não conseguiu cumprir. Desabafo!

Enfim, não é isso que irá impedir nossa produção de autonomia e conhecimento. Smartphones vão virar computadores de pesquisa e se preciso roteadores, além dos notebooks que levaremos na próxima aula. Contudo, neste dia nosso planejamento já tinha sido afetado.

Resolvemos propor as crianças que criassem hipóteses de respostas para suas perguntas, hipóteses possíveis ou apenas vindas da imaginação. E que na aula seguinte iríamos comparar as o que surgiu com o que pesquisarmos nos livros e internet.

Apesar dos contratemplos, eu gostei das hipóteses que surgiram. Poderemos abordar vários aspectos através delas, aguardem os próximos capítulos!

29.10

Chegamos e percebemos uma movimentação estranha na escola. Grande parte das crianças estava do no gramado, resolvemos entrar e encontramos coma Vera, ela nos cumprimentou e perguntou por que estávamos sumidas. Afirmamos que não viemos por duas semanas, pois uma delas era feriado e a seguinte era a SEMEX e que inclusive tínhamos avisado sobre ela. Ela ficou um pouco sem ter o que falar e mudou de assunto dizendo que agora os alunos de Educação Física de uma faculdade particular (não lembro o nome) estavam fazendo atividades com as crianças e que elas estavam adorando o trabalho deles. A coordenadora continuou afirmando que eles eram muito dedicados e que iam todos os dias para lá, terminou dizendo: “para a escola é maravilhoso que tenham pessoas dedicadas assim, é o que precisamos para cobrir essa necessidade (pausa na fala) psicomotora da escola...”. Não sei se estou muito sensível (haha) ou o que ela falou foi realmente uma indireta para nós como se não fossemos todos os dias e não tivéssemos interessados pela escola. Sentimos certo desprezo pelo trabalho que estamos fazendo, ainda que outros não valorizem nós sabemos a importancia que ele tem, por esse motivo preferimos não falar nada e só concordamos que é bom ter mais pessoas ali conosco.

Seguimos para o lado de fora, apenas três crianças da nossa oficina estavam presentes naquele dia e todas fazendo uma atividade com os professores de Educação Física, fomos até eles explicamos o nosso caso e pedimos para que conversarmos com as integrantes da nossa oficina para que elas decidissem o que iriam fazer. Para nossa total alegria, as meninas quiseram ir para conosco mesmo com a deliciosa aula de Educação Física, eu achava que isso não seria possível, mas elas quiseram! (uhuuuuuL)

Fomos para a sala que é destinada a nossa oficina e uma das meninas começou a escrever em meu computador sua história de romance, enquanto a outra preferiu fazer desenhos. Depois surgiu a ideia da nossa desenhista fazer as figuras para a nossa escritora.

05.11

Cheguei e fui recebida com muitos abraços e reclamações dizendo: “Poxa, como você demorou, era pra estar aqui uma hora! Até que enfim!”. Nossa oficina começa às 14h00min, mas fiquei feliz por saber que elas gostariam que estivéssemos antes. Nossa desenhista estava do lado de fora em uma atividade e não queria vir. Continuamos com nossas pesquisas, Jéssica foi buscar um livro de lendas enquanto a Mi escrevia em meu computador e a Da pesquisava sobre a história do skate no meu celular.

Jé conseguiu achar o livro na biblioteca e entregou à Ma para pesquisarmos sobre lendas de terror. Ela tinha começado a escrever sobre o Lobisomem, sentia uma dificuldade imensa em não copiar. Eu dizia que era para ela escrever o que tinha entendido, as meninas questionaram-me o porquê de não poder copiar se a

professora delas pedia para copiarem. Tentei explicar que copiando elas estariam só reproduzindo em vez de entender, pensar sobre e questionar. Estariam simplesmente imitando a fala dos outros, sem necessidade.

Estava na hora do lanche e as meninas saíram e logo voltaram, continuamos com nossa atividade, quando um número grande de crianças foi entrando na sala, não nos importamos até começarem a fazer muito barulho e atrapalhar a pesquisa das meninas. Pedimos para eles irem brincar lá fora por que ali era a oficina de Perguntas e Ideias quando a Vera entra na sala e diz que era para os meninos ficarem ali. Já foi até ela e disse que ali era a sala destinada a oficina de P e I todas as segundas-feiras, ela ficou sem jeito, mas pediu para que nós saíssemos da sala porque iria fazer uma atividade com os meninos do segundo ano justamente naquela sala mesmo estando todas as outras desocupadas. Saímos e fomos em direção a um pátio que fica em frente a biblioteca quando ela gritou para mim dizendo que abriria uma outra sala para nós, terminamos a oficina nessa sala.

Presenciamos novamente o descaso pelo o que estamos fazendo ali e sinceramente eu não tenho a menor vontade de me indispor querendo argumentar alguma coisa com ela. Prefiro fazer meu trabalho com as crianças ela tirando nossos computadores, tirando nossas salas eu realmente não vou me alterar. Por que parece que estão querendo testar nossa paciência, mas a minha vai continuar plena e serena.

12/11

Ultimo dia.

Hoje decidimos encerrar devido as grandes confusões com a escola. Infelizmente terminamos meio as pressas, mas acredito que as crianças entenderam o significado e o porquê da officia.

Ao chegarmos à escola a sala que era reservada para a gente, estava sendo utilizada, então pedimos outra sala. Nos encaminhamos para sala, e sentamos todas bem perto. Começamos conversando e explicando o porquê de encerrarmos a oficina hoje, todas entenderam e então propusemos o termino do livro que tinham começado. Todas resolveram ajudar na confecção do livro que antes era feito apenas por Milena. Então dividimos as tarefas. Thais: desenhava/pintava; Maria: pintava; Milena: escrevia e Daiane ajudava a escrever.

Ficamos conversando com elas enquanto faziam o livro sobre diversos assuntos e com o tempo um pouco corrido elas terminaram e pediram a copia do livro. Então finalizamos fazendo uma pequena avaliação da oficina durante o semestre, pedindo para que elas colocassem aquilo que não tinham gostado pois todas só falaram que tinham gostado de tudo e então não colocaram nenhum ponto negativo, apenas que queriam que a gente chegasse mais cedo (12h) e que fosse mais vezes para lá.